



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



Inserção do Idoso no Mercado de Trabalho Informal na cidade de Picos-PI

Insertion of the Elderly into the Informal Labor Market in the city of Picos-PI

Autores: Aleksandre Neiva Teixeira da Silva Moura¹, Danyelton da Rocha Silva², Cléverson Vasconcelos da Nóbrega³.

PICOS-PI
2017

¹ *Graduando em Administração de Empresas;*

² *Graduando em Administração de Empresas;*

³ *Professor da UFPI, doutor, orientador.*

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

M929i Moura, Aleksandre Neiva Teixeira da Silva

Inserção do idoso no mercado de trabalho informal na cidade de Picos-PI / Aleksandre Neiva Teixeira da Silva Moura, Danyelton da Rocha Silva– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (36 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof. Dr.Cléverson Vasconcelos da Nóbrega

1.Idoso-Mercado de Trabalho. 2.Trabalho Informal. 3.Mercado de Trabalho-Picos-PI. I. Silva, Danyelton da Rocha II.Título.

CDD 658



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos - PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

ALEKSANDRE NEIVA TEIXEIRA DA SILVA MOURA E
DANYELTON DA ROCHA SILVA

INSERÇÃO DO IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL NA CIDADE DE
PICOS-PI

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera os discentes como:

Aprovados(as)

Aprovados(a) com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 8 de dezembro de 2017.

(Prof. Cléverson Vasconcelos da Nóbrega, Dr.)

Orientador

(Profa. Janayna Arruda Barroso, Ma.)

Membro 1

(Profa. Renata Tomáz Cunha de Sousa, Ma.)

Membro 2

RESUMO

No Brasil, seguindo uma tendência mundial, a expectativa de vida da população tem aumentado. Diante desse quadro e num contexto de alta competitividade, intensa globalização e de economia capitalista, o idoso é alvo de discriminação e encontra barreiras para ingressar no mercado de trabalho formal. Os estereótipos sobre a velhice induzem a uma caracterização do velho como incapaz e improdutivo. Com isso, surge a necessidade de estudos que procurem refletir acerca da relação das pessoas idosas com o trabalho e não aceitar tal fase simplesmente como um período de estagnação e substituição dessas pessoas no mercado de trabalho. Nessa direção, o presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da inserção do idoso no mercado de trabalho informal e suas repercussões na sociedade. Para isso, enquanto pesquisa de natureza qualitativa, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica através de uma revisão sistemática da literatura e a entrevista semi-estruturada como instrumental de coleta de dados, a qual foi dividida em três eixos de discussão: ser idoso, trabalho e informalidade e aplicada com seis idosos com áreas de atuação diversificada. Entre as principais constatações obtidas verificou-se que, seguindo a lógica do capital, a informalidade que também é útil ao capital, vai absorver esse trabalhador idoso, embora em condições precarizadas. Os idosos trabalhadores ocupam papel econômico central na vida das famílias, assumindo o papel de provedores do domicílio. Aspectos econômicos da vida do sujeito decorrentes da perda do poder aquisitivo, pela necessidade crescente de prover a família e as experiências subjetivas de prazer pelo trabalho são aspectos importantes para a inserção do idoso no mercado informal de trabalho. Tal busca, se revelou atrelada ao preconceito em virtude da idade, expressando uma sociedade que valoriza essencialmente a juventude. A capacidade laborativa e social revelou-se uma realidade entre os sujeitos da pesquisa, embora a associação entre idade x saúde tenha sido considerada relevante, o que nos fez refletir sobre a importância do investimento num processo de envelhecimento saudável.

Palavras-chave: Envelhecimento; Mercado de Trabalho; Trabalho Informal.

ABSTRACT

In Brazil, following a worldwide trend, the life expectancy of the population has increased. Given this situation and in a context of high competitiveness, intense globalization and capitalist economy, the elderly are discriminated against and find barriers to enter the formal labor market. Stereotypes about old age induce a characterization of the old as incapable and unproductive. Thus, there is a need for studies that seek to reflect on the relationship of older people to work and not to accept such a phase simply as a period of stagnation and replacement of these people in the labor market. In this direction, the present work aims to reflect about the insertion of the elderly in the informal labor market and its repercussions in society. For this, as a qualitative research, a bibliographical research methodology was used as a methodology through a systematic review of the literature and the semi-structured interview as an instrument of data collection, which was divided into three axes of discussion: being elderly, work and informality and applied with six elderly people with areas of diversified performance. Among the main findings obtained, it was observed that, following the logic of capital, the informality that is also useful to capital, will absorb this elderly worker, although under precarious conditions. Older workers occupy a central economic role in the lives of families, assuming the role of home providers. Economic aspects of the life of the subject due to the loss of purchasing power, the increasing need to provide the family and the subjective experiences of pleasure through work are important aspects for the insertion of the elderly in the informal labor market. Such a search has proved to be tied to prejudice by virtue of age, expressing a society that essentially values youth. The labor and social capacity proved to be a reality among the subjects of the research, although the association between age and health was considered relevant, which made us reflect on the importance of investing in a healthy aging process.

Keywords: Aging; Job Market; Informal Work.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos observa-se um aumento contínuo da população na faixa etária da terceira idade. Os avanços tecnológicos e dos medicamentos levaram ao aumento da esperança de vida ao nascer, e das mudanças de hábitos da sociedade, e a queda no índice de natalidade, são fatos que têm impulsionado o envelhecimento da população mundial.

O envelhecimento, por sua vez, é um fenômeno que está relacionado à vida de todos os seres vivos, e na espécie humana está atrelado às suas condições de vida e trabalho. É um processo que ocorre de maneira singular para cada indivíduo e, embora esteja vinculado a uma série de alterações biológicas que lhe impõem alguma dificuldade, não necessariamente está vinculado apenas a perdas e limitações; pelo contrário, pode se caracterizar como um período de intensa funcionalidade cognitiva, afetiva e física, caso haja oportunidade para tal. (NERI *apud* OLIVEIRA; OLIVEIRA; WAJNMAN, 2004).

O século XXI evidencia que as pessoas do grupo da terceira idade são pessoas com características distintas e necessidades diferentes dos jovens e adultos. Se considerarmos que esta tem se tornado uma população de número significativo, compreende-se que se trata de um mercado em potencial no país. Além disso, essas pessoas continuam ativas no mercado de trabalho, seja porque não conseguiram ainda se aposentar, devido à informalidade de sua função ou mesmo após aposentados, para complementação de renda, e até mesmo para manterem-se ocupados. O fato é que as pessoas na terceira idade são hoje e serão cada vez mais uma população em idade ativa e participantes da sociedade.

Nesse contexto, a problemática de pesquisa que orientou o trabalho proposto é: como se dá o processo de inserção dos idosos no mercado informal de trabalho no municípios de Picos-PI e quais as repercussões na sociedade? Assim, o objetivo geral é analisar a inserção da pessoa idosa no mercado informal de trabalho e suas repercussões na sociedade. Os objetivos específicos são: analisar o processo de envelhecimento na sociedade capitalista e o contexto da pessoa idosa na sociedade brasileira; refletir sobre o mundo do trabalho e as repercussões na terceira idade; identificar e discutir variáveis da inserção da pessoa idosa no mercado informal de trabalho na cidade de Picos-PI. Dentre as variáveis abordadas temos: capacidade de absorção, condições de trabalho, elementos motivadores, elementos dificultadores, impacto da inserção no mercado informal etc.

Para tanto, elucida-se que este artigo foi estruturado em cinco capítulos, iniciando com a introdução, seguida pelo referencial teórico que, primeiramente, discutiu no item *2.1 O envelhecimento na sociedade capitalista*, o envelhecimento como um processo natural biológico e social que provoca uma série de consequências, e como esse envelhecimento é tratado no contexto de uma sociedade capitalista. Posteriormente, o item *2.2 O mundo do trabalho e as repercussões na terceira idade*, apresenta inicialmente a evolução da categoria trabalho ao longo do tempo, pontuando uma perspectiva sociológica da categoria e, em seguida, apresenta aspectos relevantes acerca da inserção do idoso no mercado informal de trabalho. No terceiro capítulo, foram discutidos os aspectos metodológicos da pesquisa, ou seja, as opções metodológicas dos pesquisadores a fim de atingir os objetivos traçados, além de apresentar as questões éticas ponderadas na pesquisa e a caracterização dos sujeitos da pesquisa. O quarto capítulo se propõe a analisar e discutir os dados coletados através das falas dos entrevistados/as, os quais deram vida à tal investigação. Por fim, o quinto capítulo, que são as Considerações Finais, apresentam uma síntese dos dados, acompanhados de reflexões finais sobre a inserção do idoso no mercado informal de trabalho e sua repercussão na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O envelhecimento na sociedade capitalista

O envelhecimento nunca foi percebido como algo natural e inerente a todo ser vivo, mas sim como um acontecimento limitador da vida humana (NERI, 2007). Assim, explica-se que o sistema capitalista institucionalizou que o ser humano só é tratado como tal enquanto pode produzir em larga escala, e quando isso não ocorre a pessoa idosa ou o ser envelhecido é descartado sem demais delongas. Ou seja, o ato de envelhecer, ou ser idoso, é visto e tido como incapacidade no mundo capitalista.

Entretanto, o que poucos não percebem é que o atual mundo contemporâneo “globalizado e de mudanças tão rápidas, como o que estamos, devemos entender que o envelhecimento não pode continuar sendo representado como um tempo derradeiro da existência humana” (SALGADO, 2007, p. 34). Mesmo assim, por mais que se evidenciasse que o envelhecimento não se constitui como fator excludente da pessoa idosa, na sociedade, para realizar atividades laborais e obter a garantia dos direitos sociais que possuem, os atos de discriminação ainda hoje, século XXI, não foram erradicados do cotidiano social brasileiro e mundial.

No caso específico do Brasil, o envelhecimento da pessoa idosa foi taxado e tratado, durante anos, na sociedade e pela sociedade, como um estorvo de caráter estanque ao desenvolvimento da nação e, conseqüentemente, vista também como peso aos cofres públicos (NERI, 2005).

Sendo assim, explica-se que tal pensamento errôneo e discriminatório adveio dos modos de produção e exploração capitalista em massa, ocorridos através da inserção da Revolução Industrial que beneficiava apenas a burguesia e os pobres. Em contrapartida, viviam aquém da sociedade burguesa, não tendo acesso a nenhum tipo de direito, seja ele social, individual, coletivo ou difuso (COELHO, 2009).

Nesse contexto, idosos que se encontravam aquém da sociedade necessitavam trabalhar e, devido à forte exploração a que eram submetidos estes, por sua vez, logo não possuíam saúde suficiente para se manterem no propósito laboral e eram, então, descartados, literalmente, como “ferramentas” inoperantes para o trabalho. E assim, convencionou-se que indivíduos envelhecidos não são ideais para o trabalho e que não precisam de amparo socioeconômico por parte da sociedade, pois cabe, exclusivamente, à família dessas pessoas ampará-los (ASSIS, 2005).

O fato era, então, que o Estado/Governo se omitia da responsabilidade para com os idosos e tanto a população de relevante poder aquisitivo quanto o empresariado também os viam como uma parcela da sociedade inoperante, incapaz de ainda contribuir e/ou realizar atividades laborais adequadas para potencializar o avanço das produções de trabalho (RULLI NETO, 2003).

Assim, o indivíduo ao alcançar a idade caracterizadora da velhice, passava, então, a ser responsabilidade precípua da família. Mas este fato não era bem visto e tão pouco aceito pelos familiares. Isso ocorre porque, primeiramente, quando os indivíduos envelhecidos deixavam de trabalhar estes já estavam acometidos por patologias que os incapacitavam de ter uma vida normal e apenas o dinheiro da aposentadoria não supria todas as necessidades do idoso.

Nesse sentido, no caso específico do Brasil, como advento da Constituição Cidadã – Constituição Federal de 1988 – algumas transformações passaram a ocorrer para as pessoas de idade avançada, sendo esta a garantia da seguridade social e a certeza que o Estado Nação, a Família e Sociedade se constituíam como o tripé de assistência ao idoso.

No tocante à instituição da seguridade social no cenário brasileiro, esta veio garantir à população o acesso à tríade – previdência, assistência social e saúde – e causou, no início,

apenas um conforto teórico à população. Pois, para que tal política social viesse a ser efetivamente realizada, foram necessárias inúmeras movimentações sociais, principalmente, pelos familiares dos idosos e demais representantes de ONG's de apoio aos idosos que lutaram e clamaram por uma política social específica que fosse legalizada para garantir os direitos que possuíam.

Mesmo sendo o art. 230 da Constituição Federal de 1988 destinada à pessoa idosa, versando no seu caput que “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988), não era suficiente para institucionalizar, no cotidiano brasileiro, a relevância da manutenção e garantia dos direitos do idoso.

Sendo assim, somente em 1994 que a referida parcela da população conseguiu instituir a Política Nacional do Idoso que cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. O supracitado documento assumiu denotação legal no país e ostenta a finalidade de “[...] assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 1994).

Diante disso, elucida-se que as questões relacionadas aos direitos sociais, no que tange a sua eficaz garantia e/ou acesso, sempre foi a principal problemática ora ineficaz ora conturbada ora limitada e, principalmente, quando relacionada à pessoa idosa (NERI, 2007). E isso se deve porque historicamente os governantes nunca se preocuparam em governar para toda a sociedade, mas sim para uma pequena parcela da população dotada de alto poder aquisitivo.

Desde a inserção do Estado Democrático de Direito, na sociedade moderna, os Governantes do Estado permeados pela corrupção, despotismo e pela política patrimonialista falharam na promoção dos direitos sociais em detrimento da satisfação individual de poucos, e quando a Nação começou a clamar pela execução das prerrogativas constitucionais que lhes foram imputadas, tais direitos passaram, então, a serem executados pifamente e principalmente em relação ao idoso.

Perante a assertiva acima, Neri (2005) elenca que sempre houve, na sociedade mundial, comprovação de que os direitos sociais do idoso - educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, segurança, previdência e assistência social - apresentaram-se de difícil acessibilidade a tal população.

Diante disso, explica-se que o envelhecimento da pessoa idosa, na sociedade capitalista, constitui-se num misto de fragilidades e avanços que permeiam a vida biológica, psíquica, laboral e social do referido indivíduo. Para os chefes de Estado e a para os indivíduos preconceituosos o envelhecimento é acontecimento estanque da vida dos indivíduos.

Por mais que seja incompreensível entender esse tipo de pensamento na sociedade contemporânea, conforme o pensamento parafraseado de Camarano e Pasinato (2004), muitos indivíduos veem o envelhecimento como um processo ruim e limitador da vida humana. Assim, enfatiza-se que isso ocorre porque o ser humano envelhecido apresenta peculiaridades fisiológicas e patológicas de caráter singular quando comparados aos demais seres humanos (ZIMERMAN, 2000).

Porém, Brêtas (2003, p. 298) destaca que:

O envelhecimento é um processo complexo, pluridimensional, revestido por aquisições individuais e coletivas, fenômenos inseparáveis e simultâneos. Por mais que o ato de envelhecer seja individual, o ser humano vive na esfera coletiva e como tal, sofre as influências da sociedade. A vida não é só biológica, ela é social e culturalmente construída, portanto pode-se dizer que os estágios da vida apresentam diferentes significados e duração.

Pela citação destacada acima compreende-se que o envelhecimento transpassa a ideia de um simples acontecimento biológico e natural, pois na verdade envelhecer é um processo social de amadurecimento e vivência cultural, pois “trata-se de uma experiência diversificada entre os indivíduos, para a qual concorre uma multiplicidade de fatores de ordem genética, social, ambiental, psicológica e cultural” (ASSIS, 2005, p.17). Ou seja, o envelhecimento é fato ou acontecimento de caráter heterogêneo e sobre isso Assis (2004, p. 11) explica:

O envelhecimento humano é um fato reconhecidamente heterogêneo, influenciado por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos. Desta forma, a chegada da maturidade e a vivência da velhice podem significar realidades amplamente diferenciadas, da plenitude à decadência, da gratificação ao abandono, sobretudo em presença de extremas disparidades sociais e regionais como as que caracterizam o Brasil contemporâneo.

Perante a menção destacada, enfatiza-se, desde já, que o envelhecimento humano jamais deve se constituir como justificava plausível a exclusão do idoso. Mesmo portando algumas limitações, os indivíduos da terceira idade, na grande maioria dos casos, apresentam, ainda, capacidade social, laboral, biológica e psíquica para viver de maneira plena em meio à sociedade.

A assertiva acima é realizada porque se sabe que desde a inserção do capitalismo como sistema econômico - que rege todas as relações sociais e econômicas da grande maioria da população mundial - o idoso não é visto como ser dotado do poder de produção laboral, onde quem possui maiores e melhores chances de produzir é o mais destacado.

Diante da menção, Dias (2008) lembra, então, que no capitalismo o foco é o individualismo, onde só é possível continuar servindo enquanto a idade e a força permitirem. Sendo assim, sabe-se que a lógica da sociedade capitalista prima pelo trabalho e as relações de mercado e que quanto mais novo e vigoroso for o indivíduo, inserido nesse contexto, mais chances ele terá de obter representações sociais condizentes com o esforço laboral que realiza.

Segundo Assis (2005), o pensamento exposto acima não passa de uma ilusão dos barões capitalistas sob o psicológico da classe trabalhadora. Conforme Liberato (2003), no capitalismo os trabalhadores doam a juventude e a virilidade que possuem na perspectiva de crescerem economicamente e socialmente. Entretanto, o que ocorre de fato, com o passar do tempo, é o enriquecimento em série do patronato que descarta o proletariado por estarem envelhecidos e acometidos com a ausência da força trabalho que os caracterizam como improdutivos, frente às atividades laborais.

Desde a promulgação dos Direitos Humanos por advento de uma lei máxima, há na humanidade uma constante fiscalização de tais direitos com vista à eficácia e efetividade dos mesmos. E, perante a fixação do referido documento, sabe-se que “todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito à proteção igual contra qualquer discriminação” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Contudo, Teixeira (2008) explica que no mundo capitalista a grande dificuldade é a satisfação dos direitos destinados constitucionalmente a todo e qualquer indivíduo, principalmente, quando este é um idoso já descartado do rol das atividades laborais do citado sistema econômico. Sabe-se que nem toda população da terceira idade está em perfeitas condições de saúde e passam a depender, portanto, da proatividade da família em busca da satisfação dos direitos que possui em sociedade.

Porém, a assertiva acima constitui-se como uma situação ainda mais delicada porque, conforme Gordilho et al. (2000), nem sempre a família é o alicerce ideal para cuidar/defender os interesses do indivíduo envelhecido. Há relatos mundiais e, principalmente, na sociedade

brasileira, de falta de cuidado familiar frente à pessoa idosa e tal fato acaba por impedir que tais tenham seus direitos garantidos/efetivados (LIBERATO, 2003).

Sendo assim, as situações dispostas passam a denotar que, no cotidiano capitalista, o idoso enfrenta inúmeras dificuldades e está imerso em uma situação social frágil, pois mesmo já existindo algumas conquistas no tocante ao direito, de nada adianta possuí-lo se este não for efetivado. Nesse desenrolar, elenca-se que tal fato ocorre porque tanto para a sociedade baseada no sistema econômico capitalista quanto para a família, o envelhecimento do idoso é visto e tido como:

[...] significado de perda de produção laboral para os homens de negócio e para a família. Isso se deve, pelo fato do homem, no capitalismo, ser considerado ferramenta de trabalho e quando, esta, envelhece perde lugar de produção e passa ser avaliado como um ser inativo, porque esta sociedade renuncia o indivíduo quando este perde a condição de produzir força de trabalho (GONÇALVES, 2015, p. 26).

Diante do exposto destacado, lembra-se também que na contemporaneidade o envelhecimento do idoso não é visto como estaque, apenas, frente às relações laborais, mas também no âmbito da saúde, assistência e outros direitos sociais, a sérias e relevantes falhas junto à referida população.

Nesse sentido, a concepção de envelhecimento saudável durante boa parte do século XX acreditou-se estar contribuindo para que, também, as demais parcelas da população percebessem o idoso como um indivíduo capaz e forte frente às demandas e exigências da sociedade capitalista.

Sendo assim, enfatiza-se que a campanha do envelhecimento saudável foi promovida no Brasil e tal ação foi incorporada à Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI). Entretanto, Gordilho et al. (2000) elucida que a referida proposta de envelhecimento foi trabalhada no país baseando-se, exclusivamente, no estímulo de ações comportamentais a serem desenvolvidas pelo idoso, apenas, para manter a saúde. Ou seja, o que houve no cenário brasileiro foi apenas o:

[...] desenvolvimento de ações que orientem os idosos e os indivíduos em processo de envelhecimento quanto à importância da melhoria constante de suas habilidades funcionais, mediante a adoção precoce de hábitos saudáveis de vida e a eliminação de comportamentos nocivos à saúde (GORDILHO, 2000, p. 27).

Complementando a citação destacada, o que de fato deveria ser realizado eram ações mais integradas como, por exemplo, esclarecimento às organizações e demais indivíduos da sociedade que o idoso possui, função psicossocial e laboral suficiente para dirimir e até mesmo sanar problemas que quando jovens resolviam facilmente.

Mesmo assim, não se pode apontar e criticar falhas da campanha, apenas no cenário brasileiro, pois em todo o mundo a promoção do envelhecimento saudável ficou restrita ao estímulo de ações comportamentais de saúde, esquecendo-se do propósito amplo de demonstrar à sociedade capitalista o valor do envelhecimento do idoso para as demais gerações.

Nesse sentido, Gonçalves (2015, p. 16) explica que:

Na história, a prática do envelhecimento saudável foi aplicada por meio da elaboração de programas e serviços desenvolvidos na rede socioassistencial, no que concerne à promoção da saúde e visa estabelecer a partir da ideologia do movimento e atividade corpórea, a redução da ingestão de medicamentos, mantendo um aceitável padrão de qualidade de vida dessa população o que passou a incomodar novamente as organizações mundiais, pois as exigências da sociedade capitalista passaram a cobrar ações mais ativas de toda a população, principalmente, em relação aos idosos que por

sofrerem constantes discriminações acabam que por serem mais cobrados a provar competências laborais, físicas, econômica e psíquicas.

Sendo assim, diante das novas perspectivas da sociedade capitalista, a Organização Mundial da Saúde investiu, então, na promoção de uma nova concepção: o envelhecimento ativo que abrange ações de caráter holístico frente à vida do idoso em toda a humanidade.

A referida campanha constitui-se como um “processo de otimização das oportunidades para a saúde, participação social e segurança, para a melhoria da esperança de vida e qualidade de vida das pessoas idosas” (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2005) e, também, das que estão em processo de envelhecimento.

Nesse contexto, a ONU, em apoio à OMS, iniciou uma publicidade mundial em relação ao envelhecimento ativo na intenção de que os países adotassem a citada proposta na busca de melhorar a qualidade de vida dos idosos de cada sociedade. Assim sendo, o Brasil, em 2005, abraçou a promoção de tal envelhecimento frente à pessoa idosa na perspectiva de mostrar à toda população brasileira e, principalmente, proporcionar aos da terceira idade, uma velhice ativa em todos os aspectos sociais.

Além disso, o país adotou as novas medidas de tratar o envelhecimento do idoso na sociedade porque:

Até 2025, segundo a OMS, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Entre 1980 e 2000 a população com 60 anos ou mais cresceu 7,3 milhões, totalizando mais de 4,5 milhões em 2000. O aumento da expectativa média de vida também aumentou acentuadamente no país. Este aumento do número de anos de vida, no entanto, precisa ser acompanhado pela melhoria ou manutenção da saúde e da qualidade de vida social, pois mesmo com todas os programas voltados para o idoso ainda é grande a desinformação sobre a saúde, as particularidades e desafios do envelhecimento populacional dos indivíduos em nosso contexto social. O Brasil, ao adotar a promoção do envelhecimento ativo envolve uma ação nacional para criar políticas públicas que acabam por o idoso socialmente ativo frente a vida em sociedade clamando pela efetivação de seus direitos (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2005, p. 4).

Sendo assim, enfatiza-se que todas as medidas/intenções de proporcionar ao idoso um envelhecimento justo e alicerçado em embasamentos legais provocou, na sociedade capitalista, uma nova atitude na população idosa na busca de melhores condições de vida pelo adimplemento de políticas públicas executadas pelo Estado.

Mesmo com força de vontade e virilidade suficientes, a população idosa necessita de uma atenção diferenciada e de direitos e políticas sociais e públicas específicas e condizentes com a realidade dos idosos em meio à sociedade.

Nessa direção, a seção que segue busca refletir acerca do mundo do trabalho e suas repercussões na terceira idade.

2.2 O mundo do trabalho e suas repercussões na vida do trabalhador idoso

Para compreender a trajetória do idoso com o mundo do trabalho, é necessário, em primeiro lugar, compreender a categoria trabalho e como esta vem se modificando ao longo do tempo.

O trabalho pode ser definido de várias maneiras. Trabalho é uma atividade que tem um objetivo. De acordo com Dicionário Michaelis (2012, p. 589), consiste na:

1. aplicação das forças e faculdade humanas, para alcançar um determinado fim. 2. Atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. 3. Trabalho remunerado ou assalariado:

serviço, emprego. 4. Local onde se exerce essa atividade 5. Qualquer atividade realizada 6. Lida, labuta.

Nessa perspectiva, Trabalho é, portanto, qualquer atividade realizada independente de recebimento por ela. Já o Emprego é um conceito que surgiu por volta da Revolução Industrial, é uma relação entre homens que vendem sua força de trabalho por algum valor, alguma remuneração, e homens que compram essa força de trabalho pagando algo em troca, algo como um salário corresponde a um conjunto de atividades remuneradas, é o trabalho remunerado.

O trabalho sempre foi o motor que move todo tipo de sociedade e todo tipo de civilização. Ao longo do tempo ele mudou e se reformulou de acordo com as necessidades de cada época em cada cultura.

No começo dos tempos, o trabalho era a luta constante para sobreviver (acepção bíblica). O advento do arado representou uma das primeiras revoluções no mundo do trabalho. Nos tempos primitivos, da Babilônia, do Egito, de Israel, etc., havia o trabalho escravo e o trabalho livre; havia até o trabalho de artesãos e o trabalho de um rudimento de ciência, mas não havia o emprego, tal como nós o compreendemos atualmente.

Na Antiguidade, não existia a noção de emprego. A relação trabalhista que existia entre as pessoas era a relação escravizador-escravo. Podemos tomar as três civilizações mais influentes de sua época e que influenciaram o Ocidente com sociedades escravistas, a egípcia, a grega e a romana. Nessa época, todo o trabalho era feito por escravos. Havia artesãos, mas estes não tinham patrões definidos, tinham clientes que pagavam por seus serviços. Os artesãos poderiam ser comparados aos profissionais liberais de hoje, já que trabalhavam por conta própria sem ter patrões. Para os artesãos não existe a relação empregador-empregado, portanto não podemos falar que o artesão tinha um emprego, apesar de ter uma profissão.

Na Idade Média também não havia a noção de emprego. A relação trabalhista da época era a relação senhor-servo. A servidão é diferente da escravidão, já que os servos são ligeiramente mais livres que os escravos.

Na Idade Moderna as coisas começam a mudar. Nessa época, existiam várias empresas familiares que vendiam uma pequena produção artesanal, todos os membros da família trabalhavam juntos para vender produtos nos mercados; não podemos falar de emprego nesse caso. Com o advento da Revolução Industrial, êxodo rural, concentração dos meios de produção, a maior parte da população não tinha nem ferramentas para trabalhar como artesãos. Sendo assim, restava às pessoas oferecer seu trabalho como moeda de troca. Assim, a Revolução Industrial viria a afetar também não só o valor e as formas de trabalho, como sua organização e até o aparecimento de políticas sociais. É nessa época que a noção de emprego toma sua forma. Assim, o conceito de emprego é característico da Idade Contemporânea.

A palavra trabalho vem do latim *tripalium*: instrumento feito de três paus aguçados, com o qual os agricultores batiam o trigo; era usado também para prática de tortura. A palavra era usada com significado de dureza e dificuldade. A partir do século XI passou a significar dedicação da força de uma pessoa em favor da outra. O filósofo Hegel (1770-1831) afirmava que o trabalho passou a ter importância capital, no qual o homem toma a responsabilidade por si mesmo (DEPRESBITERES, 1999).

De acordo com Marx (1990), o trabalho é um processo essencialmente humano. De acordo com Albonoz (2000) há uma distinção entre o labor humano dos demais animais pela capacidade do homem de antecipar seus projetos e de representar mentalmente o resultado de seu trabalho. Dessa forma, o indivíduo, antes mesmo da própria atividade, já imagina o produto acabado. Contribuindo para o mesmo entendimento, o citado autor analisa que no trabalho humano há consciência, intencionalidade e liberdade, enquanto o esforço dos animais se faz por instinto. Nessa direção pontua-se:

O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 1990, p.97)

Vê-se em Adam Smith (1990) duas concepções sobre o trabalho, quais sejam: trabalho produtivo e improdutivo. Para o autor, por exemplo, o trabalho produtivo seria o do manufator. Comparado ao trabalho doméstico, o trabalho do manufator seria produtivo já que o processo acrescenta valor ao objeto sobre o qual é aplicado. Já o doméstico é definido como trabalho improdutivo, pois neste tipo de labor não há este acréscimo de valor.

Sobre a conceituação de trabalho produtivo, Marx (1990) entende que este tipo de trabalho, entretanto, não é apenas produção de mercadoria, mas, essencialmente, produção de mais-valia. “O trabalhador, dessa forma, produz não para si, mas para o capital” (MARX, 1990, p. 184). Esclarece ainda o autor:

Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. O conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital (MARX, 1990, p. 138).

Identifica, pois, que até o advento da indústria, aqueles que ocupavam o alto da pirâmide social (aristocratas, proprietários de terras, intelectuais) não trabalhavam. Nas sociedades capitalistas, o trabalho passa a ser visto como criador de riquezas e, de acordo com o marxismo, somente quando transformado em mercadoria, o trabalho nega a condição humana, porque aliena, escraviza, deixa o homem infeliz.

Segundo Marx (1991) é por meio do trabalho que as pessoas adquirem fortunas e os instrumentos que serão utilizados e apropriados pelas gerações futuras. A riqueza proposta por Marx não se resume a uma simples acumulação de bens materiais, mas sim, a assimilação dos recursos produzidos no decurso da evolução humana. O trabalho como singular forma de obtenção de riqueza, está entendido não apenas sob o aspecto econômico, mas também cultural.

Viu-se até aqui que houveram muitas mudanças acerca do trabalho ao longo da evolução do homem, mas uma grande mudança da contemporaneidade é a inserção da pessoa idosa no mercado de trabalho e ou sua permanência nele, com suas dificuldades e facilidades, e também os fatores influentes nesta situação. O mercado de trabalho seria assim, aquele que engloba as pessoas em idade ativa, que tenham condições de trabalhar, e as empresas com ofertas de vagas.

Uma definição mais abrangente sobre mercado de trabalho é apresentada por Lodi (1992): “mercado de trabalho pode ser definido como a área onde os diversos grupos ocupacionais encontrem salários relativamente uniformes”.

Essa discussão nos remete ao entendimento acerca do que se configura como trabalho formal e informal. Trabalho Formal é aquele em que o trabalho é exercido com carteira assinada, de acordo com a legislação trabalhista vigente e, portanto, assegurando ao trabalhador todos os direitos a que faz jus (contribuição à seguridade social; retenção de imposto de renda - quando houver base de incidência - sobre o salário; depósitos ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS); horas extraordinárias - quando prestadas - com os acréscimos legais; abono de férias e etc.). Já o trabalho informal, é aquele em que o trabalhador não tem carteira assinada, nos termos da legislação trabalhista vigente e, portanto, tem suprimidos uma série de direitos, como, por exemplo, contribuição à seguridade social (que poderia lhe assegurar aposentadoria por tempo de contribuição em época oportuna); recolhimentos para o FGTS; recebimento de

abono de férias e outros direitos acessórios e, até mesmo, possibilidade de comprovação de renda para obtenção de crédito, entre outros direitos e vantagens.

Há, também, empresas e trabalhadores autônomos que atuam na informalidade, sem a devida constituição e registro. Evidente que há uma enorme área de interseção entre estas empresas e trabalhadores autônomos e os trabalhadores informais, haja vista que dada sua condição de atuação à margem da legislação, submetem os trabalhadores que contrata a esta mesma condição de informalidade.

Nesses termos, a informalidade, de um modo geral, é considerada subproduto do desemprego; com raras exceções, as pessoas não optam pelo trabalho informal por vontade própria. Independente do seu conteúdo, o trabalho informal está sendo visto como uma saída para garantir a sobrevivência de um contingente cada vez maior de brasileiros e a população idosa também faz parte dessa conta. Enquanto milhões deles buscam o próprio sustento e de seus dependentes atuando como sacoleiro, vendedor de cachorro-quente, vendedor de pipoca e de outros produtos, não se pode desconsiderar que outros milhões de cidadãos deste país não encontram sequer essa opção.

É de interesse, como já esclarecido, para a presente pesquisa a inserção do idoso no *trabalho informal*, visto ser este um fenômeno resultante do desemprego, desigualdade social, baixa escolaridade, preconceito, exclusão entre outras situações que a pessoa idosa é submetida na sociedade brasileira. Além disso, vale considerar um aspecto muito importante que é o afastamento dos idosos das atividades produtivas. Isto significa, em grande parte dos casos, uma situação de precariedade e não a conquista de um benefício, uma vez que a inatividade vem geralmente acompanhada de queda significativa nos rendimentos, com limitadas possibilidades de obter novas ocupações em vista das deficiências educacionais e da competição com os jovens, num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e fragilizado.

Voltemos a refletir, portanto, que a presença do idoso na constituição familiar tem significativa relevância, em parte porque é no espaço das famílias que, teoricamente, são definidas a atenção e cuidado aos seus membros, onde está o idoso. Wajzman (2004) afirma que é inevitável o aumento de pessoas com mais de 60 anos na População Economicamente Ativa (PEA) brasileira. A expectativa é de que em 2020, pelo menos, 13% da PEA seja formada por pessoas idosas.

Pesquisas revelam ainda que muitos idosos permanecem no mercado de trabalho ou retornam a ele após a aposentadoria por vários motivos, entre eles: necessidade de uma renda adicional, ocupação do tempo ocioso, gosto pelo trabalho desenvolvido. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007) constatou que quase 20% dos idosos aposentados no Brasil trabalham. Entre os principais motivos estão a necessidade de uma remuneração extra ou a vontade de permanecer ativo.

Moreira (2000) considera que, a permanência do idoso no trabalho pode ser discutida por dois ângulos: o trabalho pode ser benéfico quando propicia auto-estima, satisfação, sensação de produtividade, além da remuneração, e, por outro lado, pode ser prejudicial quando a única razão para se manter trabalhando é a necessidade de renda, sem qualquer outra motivação.

Nessa perspectiva, o trabalho tanto pode ser uma fonte de aumento da qualidade de vida (por proporcionar ao idoso a atividade, tanto física quanto intelectual), como pode ser agravante da qualidade de vida (porque quanto piores, mais dilapidadoras e degradantes as condições de trabalho, pior a qualidade de vida do trabalhador idoso). O trabalho pode ser um elemento importante para gerar qualidade de vida, desde que esteja associado ao prazer (MOREIRA, 2000). Nesse caso é fundamental observar alguns aspectos como: a carga horária de trabalho dessas pessoas, considerando a idade, o tipo de atividade desenvolvida e as condições de saúde. O que se observa é que para os homens na faixa etária entre 65 e 69 anos, a jornada semanal de

trabalho é de 40 horas e após os 80 anos, os idosos que trabalham o fazem, em média, 32 horas por semana (DIEESE, 2009).

Na questão das relações trabalhistas o Estatuto do Idoso dedica o capítulo VI à profissionalização e ao trabalho, destacando-se: O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. (Artigo 26). O Estatuto ainda aborda a questão da idade limite e do serviço público:

Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir. Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada. (Artigo 27)

A Constituição Federal do Brasil nos artigos 203 e 229 faz referência à velhice, no que se refere aos direitos dos idosos, assim como, a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842 de 04 de janeiro de 1994), cujo capítulo IV sobre as ações governamentais dispõe que se deve:

a) garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado; b) priorizar o atendimento do idoso nos benefícios previdenciários; c) criar e estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores públicos e privado com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento.

Amarilho (2005) argumenta que as potencialidades mentais dos indivíduos de terceira idade, hoje comprovadas, merecem, portanto, ser entendidas como sinônimo da força produtiva de que são detentores. Todavia, na contramão de tal assertiva, na sociedade brasileira, o que constata-se é que a realidade do trabalhador idoso é marcada pelo não reconhecimento das suas potencialidades, como a experiência e a riqueza de sua vivência, sua realidade é fortemente caracterizada pelo estigma e preconceito.

Diante de tais barreiras, o idoso que não consegue trabalho formal, acaba por se sujeitar a informalidade como forma de possibilitar sua sobrevivência ou de contribuir na renda familiar. A partir das intensas transformações ocorridas com a reestruturação produtiva e a inserção das políticas neoliberais, é possível visualizar com frequência inúmeros idosos que trabalham informalmente em diversos segmentos, que vão desde os serviços temporários e sem vínculos empregatícios às outras atividades exercidas em casa ou na rua. Barros e Muniz (2014) afirmam que:

A grande maioria desses trabalhadores já não deveria se submeter a lógica do mercado de trabalho, depois de tantos anos servindo como força de trabalho para acumulação de capital pela longa jornada de labor já vivenciada, poderiam estar desfrutando de atividades que lhe possibilitasse uma vida mais plena, como acesso a cultura e ao lazer e desfrutando da proteção familiar a qual ele tem direito. No entanto, pela realidade socioeconômica que lhe é imputada, não dispõe de condições para abandonar o labor.

Teixeira (2008) esclarece que essa realidade do trabalhador idoso brasileiro, marcado por uma economia periférica e dependente dos monopólios dos países centrais, bem como regidos por políticas sociais incapazes de mudanças substanciais para a população. Complementa ao afirmar que:

Outra característica típica da realidade brasileira é a permanência dos idosos no sistema produtivo; quase 50% dentre os idosos e um terço entre as idosas ainda trabalha, em piores situações de trabalho, sem carteira profissional, quando inseridos no mercado formal. Geralmente, porém, esses idosos situam-se no setor informal ou de subsistência, em trabalhos por conta própria, autônomos, em atividades

agropecuárias, e comércio, realidade comum aos mais pobres. Essas fontes de renda, ainda que mínimas, permitem aos idosos manterem e chefiarem suas famílias (TEIXEIRA, 2008, p. 303).

É importante refletir que diferente da realidade vivenciada nos países centrais, notadamente na Europa, no Brasil, o desenvolvimento tardio do capitalismo, as transformações na esfera do trabalho, impulsionadas pela reestruturação produtiva, ocorreram num cenário em que não havia políticas públicas de caráter universal típicas do *welfare state*. No mapa de uma economia periférica, as mudanças no campo do trabalho conduziram os trabalhadores a sofrerem taxas mais elevadas de exploração, sem a existência de políticas sociais que permitissem minimizar os efeitos mais perversos dessas mudanças: desemprego, precarização, informalidade, etc e percebe-se que quem mais sofreu os impactos no mundo do trabalho foram as chamadas minorias, tendo como exemplo os idosos.

Em razão de sua condição biológica e principalmente social, o trabalhador idoso necessita de um conjunto de atendimentos, como por exemplo, saúde, moradia, lazer, serviços e estruturas que possibilitem sua mobilidade, entre outros. Para além das necessidades inerentes ao ser idoso, é de extrema relevância que o mercado de trabalho se adeque e se reestruture para atender às necessidades físicas de uma população que está cada vez mais conquistando espaço na sociedade, reconhecendo seus direitos e prioridades, com respeito à sua integridade física, mental e social.

Conforme Camarano (2004), um dos mais importantes desafios é o de assegurar que o processo de desenvolvimento econômico e social ocorra de forma contínua, com base em princípios capazes de garantir um patamar econômico mínimo para a manutenção da dignidade humana do segmento idoso.

Como nossa sociedade é uma contradição em permanente movimento, identifica-se em meio a este debate uma dualidade: se por um lado o sistema socioeconômico em que a pessoa idosa está inserida a estigmatiza, afastando-a do mercado de trabalho, por outro lado ele também acaba sendo funcional desde que esteja sob determinadas circunstâncias. Distante das mínimas regulamentações trabalhistas de proteção, o idoso passa a ser atraente/conveniente para a lógica do sistema quando inserido como força de trabalho sem vínculo formal e mais barata, representando assim a contratação da pessoa idosa vantagens para a lógica da acumulação capitalista. Um exemplo claro disso é a não necessidade de efetuar pagamento de vale-transporte para maiores de 65 anos. Pesquisas revelam ainda que idosos aposentados ou já dispostos de alguma renda tendem a aceitar com menor resistência a negação de direitos trabalhistas (CAMARANO, 2012). Tal realidade nos leva a afirmar que, quando o idoso é contratado, isso não ocorre em virtude da capacidade da pessoa idosa (em razão das suas habilidades e experiências) e sim pelas vantagens viabilizadas pelo uso de uma força de trabalho barata e quase sempre informal, sem garantias trabalhistas e podendo ser facilmente descartada.

Conclui-se, pois, que dentro da lógica de um modo de produção capitalista que transforma o trabalho em meio de obtenção de lucro e o trabalhador em mercadoria, o idoso trabalhador está submetido aos determinantes econômicos de forma ainda mais perversa com repercussões no seu contexto familiar e comunitário.

Face ao exposto, analisaremos a seguir o panorama da realidade do município de Picos acerca da inserção do idoso no mercado informal de trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é o caminho, a trajetória demarcada para apreender o objeto ou fenômeno investigado a partir de procedimentos em relação aos tipos de pesquisa e as formas de colher os dados e tratá-los.

Nessa direção, quanto à natureza, esta pesquisa se classifica como qualitativa, uma vez que foi definida a análise interpretativa dos dados coletados em ambiente natural. Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 35), o método qualitativo é enfocado como um trabalho de conhecimento social que:

[...] atinge dimensões como a simbólica, que contempla os significados dos sujeitos, a histórica, que privilegia o tempo consolidado do espaço real e analítico e, por fim, a concreta que refere-se às estruturas e aos atores sociais em relação.

A presente pesquisa pode ser classificada, quanto aos fins, como uma pesquisa descritiva. A pesquisa descritiva, segundo Gil (1999), objetiva prover o pesquisador de dados sobre as características de grupos, estimar proporções de determinadas características e verificar a existência de relações entre variáveis.

Para melhor respaldo e compreensão da pesquisa, foi utilizada também a pesquisa bibliográfica, a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses. Segundo Gil (1999, p. 65) a pesquisa bibliográfica é:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas.

As principais categorias de análise foram: Envelhecimento; Mercado de Trabalho; Trabalho Informal, as quais foram definidas segundo o tema do problema a ser pesquisado. Os autores que orientaram as discussões teóricas foram: Neri (2001, 2005, 2007), Teixeira (2008), Moreira (2000), Marx (1991) e Camarano (1999, 2004, 2006, 2017 e 2009).

A pesquisa foi efetuada no segundo semestre do presente ano, a qual foi direcionada aos idosos/as inseridos no mercado de trabalho informal, a fim de obter o relato dos sujeitos sobre os objetivos que norteiam a pesquisa.

No que tange à coleta de dados, o instrumental de pesquisa utilizado, foi a entrevista semi-estruturada, as quais foram transcritas na íntegra pelos pesquisadores. As entrevistas foram organizadas em 3 eixos, quais sejam: ser idoso, trabalho e informalidade, as quais contemplaram a discussão de variáveis diversas (capacidade de absorção, condições de trabalho, elementos motivadores, elementos dificultadores, impacto da inserção no mercado informal etc.) e realizadas junto a seis indivíduos com idades igual ou superior a sessenta e cinco anos e com postos de trabalho em áreas de atuação diversificadas. No quadro seguinte estão dispostos os sujeitos das pesquisas:

Quadro 1: Sujeitos da pesquisa

| Sujeito Entrevistado | Quantidade | Sexo | Código do Entrevistado |
|--------------------------|------------|-----------|------------------------|
| Vendedor de Espetinho | 1 | Masculino | 1 |
| Vendedor de Algodão Doce | 1 | Masculino | 2 |
| Borracheiro | 1 | Masculino | 3 |
| Vendedora de Lanches | 1 | Feminino | 4 |

| | | | |
|----------------------------------|----------|----------|---|
| Costureira | 1 | Feminino | 5 |
| Consultora de Produtos de beleza | 1 | Feminino | 6 |
| TOTAL | 6 | | |

Fonte: Dados da pesquisa

O presente estudo obedeceu aos preceitos éticos determinados na Resolução 466/12 do CNS, onde tem como instrumento de coleta e informações o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Vale ressaltar que, o TCLE, é um procedimento utilizado pelos pesquisadores para que a coleta dos dados possa ser efetivada dentro das normas éticas. Deste modo, compreende-se a importância de esclarecer os entrevistados, pois é fundamental garantir a integridade destes na coleta de dados. Esse cuidado é uma norma básica na aplicação de pesquisa que envolve seres humanos.

A finalidade é preservar a identidade dos participantes da pesquisa de acordo com o TCLE, por isso, os sujeitos da pesquisa foram identificados com nomes relacionados à sua área específica de atuação, quais sejam: Espetinho, Algodão Doce, Lanchonete, Costureira, Borracheiro e Natura.

No que diz respeito ao perfil dos sujeitos da pesquisa, foram entrevistados/as três pessoas do sexo feminino e três pessoas no sexo masculino, totalizando seis entrevistados. Dos seis, identificou-se que dois atuam há mais de cinco anos no mercado informal e quatro atuam há mais de 25 anos. A faixa etária dos entrevistados, todos idosos, variou entre 65-72 anos. Do total de entrevistados/as três possuem aposentadoria, quer seja uma das 04 modalidades⁴ existentes no INSS ou através do benefício assistencial, conhecido como Benefício de Prestação Continuada-BPC⁵. Identificou-se ainda que quatro são casados/as e apenas um viúvo. Todos referem ter na renda proveniente do trabalho informal a principal fonte de renda da família. Dos seis idosos/as desta pesquisa, dois deles já tiveram vínculo formal com o trabalho, enquanto os demais sempre foram inseridos no mercado informal em fases anteriores da vida. O grau de escolaridade se caracteriza em sua maioria como baixo, visto que apenas uma das entrevistadas possui nível superior, sendo todos/as os/as outros/as ou semialfabetizados ou com ensino médio inconcluso.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 O Idoso no Mercado Informal de Trabalho de Picos-PI

Analisar a inserção do idoso no trabalho informal é considerar que ele continua ocupando lugar importante no mercado de trabalho. Estudos de conjuntura vêm sinalizando crescimento da população idosa trabalhadora. Saindo de 4,5% da população economicamente ativa brasileira em 1977, vinte anos depois esse índice já sinalizava o dobro, com perspectivas de representar, já nos próximos seis anos, em 2013, 13% dos trabalhadores (CAMARANO, 1999).

No caso específico da realidade da cidade de Picos-PI, observa-se que esta modalidade de trabalho é facilmente identificada na vida de uma porcentagem significativa de idosos. Para representar esse contingente, foram selecionados seis idosos/as para contribuírem com a

⁴ Existem atualmente quatro tipos de aposentadoria ofertadas pelo INSS, quais sejam: por idade, tempo de contribuição, invalidez e a especial.

⁵ O Benefício da Prestação Continuada (BPC) da [Lei Orgânica da Assistência Social \(LOAS\)](#), operacionalizado pelo INSS, é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso com 65 anos ou mais que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção, nem de tê-la provida por sua família.

presente pesquisa, a qual foi guiada por instrumental de pesquisa organizado em eixos de discussão, quais sejam: ser idoso, trabalho e informalidade.

Assim, a **percepção do idoso acerca da velhice** foi o ponto inicial para a condução da pesquisa com os/as entrevistados/as, tendo em vista que a forma de viver a velhice está associada a várias questões que se interligam e que se tornam mais complexas, porque uma das características desta etapa da vida é a sua heterogeneidade, ou seja, os sujeitos não envelhecem de maneira igual, construindo suas próprias histórias de vida, com características e dificuldades diferentes. Não é admissível, portanto que se trate a velhice de uma forma homogeneizada e que não se leve em conta as diferenças (LOPES, 2000).

É importante, portanto, compreender o idoso em suas diversas formas de ser, respeitando suas maneiras de viver, pois o fato de determinadas pessoas estarem em uma mesma faixa etária não significa que tenham passado pelas mesmas vivências e que apresentem as mesmas características, necessidades e percepções.

Assim, a partir das falas, percebe-se que a velhice de forma geral é vista como algo positivo:

Depende da pessoa, né, eu tô sempre aprendendo, veja só onde eu tô, aqui todo dia a gente aprende um pouco, contato com pessoas diferentes todos os dias e com as que são freguês já. Eu aqui converso com um e com outro. Se a pessoa ficar em casa amufinando, aí que ela envelhece mais rápido e vai perdendo o pouquinho da saúde que tem. (Entrevistado 1)

Positiva, eu acho positiva apesar da idade e do cansaço. Eu acho que uma pessoa que consegue chegar na minha idade ou mais, tem que se orgulhar, olha pra trás e vê os filhos tudo criado e encaminhado na vida é uma felicidade. Nessa parte aí que você falou de descobrir novas coisas, eu acho que é por aí mesmo, pois agora eu acompanho é o crescimento dos meus netos. É quase que começar tudo de novo, só que agora com mais conhecimento do mundo né. (Entrevistado 2)

Positiva, não me sinto velha, me sinto bem, tenho os meus netos ao meu redor, me sinto bem, pra falar verdade eu me sinto realizada graças a Deus. (Entrevistado 4)

Eu me sinto cansada às vezes, tem horas que fico pensando se todo esse esforço vale à pena, mas aí lembro dos meus filhos, dos meus netos. (Entrevistado 5)

É boa, sinal que viveu muito que tem experiência pra repassar pra os mais novo. (Entrevistado 3)

Depende do ponto de vista. Eu tô numa idade que eu poderia me satisfazer com que eu já tenho e ficar só em casa curtindo a família, as comemorações, mas eu sinto vontade de fazer mais coisas, de descobrir mais coisas mundo afora. Tanto que meu trabalho é pra me dá uma tranquilidade a mais na renda, mas sempre que posso tô viajando. (Entrevistado 6)

O entrevistado Espetinho associou a velhice à possibilidade de manter a atividade profissional, de aprender novas coisas, de manter a socialização com o mundo externo. Já a entrevistado Algodão Doce vê como sinônimo de orgulho, visto às conquistas provenientes do trabalho. Por fim, a entrevistada Natura, associa a velhice a possibilidade de novas descobertas e manutenção da atividade laboral com vistas a atingir seus objetivos. Em todas as falas vemos que foi levado em consideração seu próprio processo de envelhecimento, fazendo dessa etapa, como já explicitado, algo particular. Assis (2004, p. 11) explica que: O envelhecimento humano é um fato reconhecidamente heterogêneo, influenciado por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos. Desta forma, a chegada da maturidade e a vivência da velhice podem significar realidades amplamente diferenciadas, da plenitude à decadência, da gratificação ao abandono,

sobretudo em presença de extremas disparidades sociais e regionais como as que caracterizam o Brasil contemporâneo.

Perante a menção destacada, enfatiza-se, desde já, que o envelhecimento humano jamais deve se constituir como justificava plausível a exclusão do idoso. Mesmo portando algumas limitações, os indivíduos da terceira idade, na grande maioria dos casos, apresentam, ainda, capacidade social, laboral, biológica e psíquica para viver de maneira plena em meio à sociedade. Nessa direção, questionou-se aos/as entrevistados/as qual impacto a idade tem em sua atividade laboral. As principais respostas revelaram que:

Sim, eu não sei se é por causa da idade ou por causa das doenças que a gente adquire com o passar do tempo, porque como eu falei, eu não posso mais sair no sol, passar muito tempo no sol, o médico proibiu, e andar de bicicleta como antes nem pensar, aí o que dá pra fazer é ficar vendendo aqui em casa ou quando alguém me contrata pra uma festinha de aniversário, aí eu vou de carro. (Entrevistado 2)

No meu caso, a idade atrapalha bastante por que eu não aguento mais ficar muitas horas sentada costurando, e só posso costurar de dia por que de noite eu não enxergo mais direito não, assim eu nem posso pegar serviço grande, só umas coisas mais simples. (Entrevistado 5)

Quando a gente vai ficando mais velho vai ficando mais fraco, né, não pode tá mais botando muita força aí os serviços pesados eu não faço mais não, deixo pra os mais novos que trabalha comigo. (Entrevistado 3)

Olha, acho que a idade nunca foi problema pra mim, pois eu achei que com o tempo no serviço público, por conta da minha experiência de vida, até melhorou. Mas a gente sente que tem um preconceito, principalmente quando chega gente de sangue novo. Sempre dá a impressão que o jovem pode ter melhores resultados que você. (Entrevistado 6)

Predominou nas falas dos entrevistados a relação Idade x Saúde como fator determinante na atividade laboral. Apenas a fala da entrevistada Natura destacou um aspecto social nesta relação Idade x Trabalho, que foi a questão do preconceito em relação à capacidade produtiva do idoso. Sobre os aspectos levantados, é interessante pontuar que com referência à saúde, a qualidade de vida está associada ao bem-estar físico e mental. Isto remete à uma preparação para este processo de envelhecimento que perpassa tantos pelos cuidados pessoais, mas também investimento público na saúde da pessoa idosa, principalmente se levarmos em consideração que existem doenças crônicas que atingem a população idosa e representam uma ameaça à sua autonomia e independência. À exemplo do exposto, temos a experiência da ONU, OMS e OIT, que para dirimir os problemas de saúde relacionados à população da terceira idade, idealizaram campanhas para melhorar/potencializar o envelhecimento da pessoa idosa na sociedade capitalista. A primeira ação de caráter mundial foi a promoção do envelhecimento saudável, onde o objetivo geral de tal atitude na sociedade capitalista era fazer com que o idoso, independentemente de ser aposentado, passasse a ter/praticar, no seu cotidiano, atividades que os permitam ser saudáveis para executarem todas as ações que necessitam ao longo da velhice. (*WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2005).

Com tal atitude, as empresas dotadas de uma perspectiva mais holística, e visando também a responsabilidade social para com seus funcionários de faixa etária mais avançada e que não estejam aposentados, deveriam contribuir para uma melhor qualidade de vida laboral dos idosos dentro das organizações.

Sobre o preconceito que permeia o imaginário da população acerca da capacidade produtiva da pessoa idosa, a sociedade deve apropriar-se dos novos conceitos sobre envelhecimento e tomar consciência de que o crescimento da população idosa é um fato incontestável, constituindo-se numa problemática social que exige maior atenção do Estado.

Segundo a Constituição Federal “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988, p.149).

Ao serem questionados sobre sua **percepção sobre o trabalho**, os/as entrevistados/as puderam falar sobre o que o trabalho representa na sua vida; disposição para o trabalho; e motivação para o trabalho.

O trabalho sempre foi categoria fundamental para o desenvolvimento humano. É necessário, no entanto, compreender as transformações nas funções, nas organizações e nos processos do trabalho para entender as percepções e representações do homem sobre a categoria trabalho. A maneira como o homem se relaciona com o trabalho faz com que tenha concepções e significados diferentes, que devem ser respeitados e entendidos, pois nenhum homem mesmo exercendo funções semelhantes no processo de trabalho, não trabalha da mesma forma. Cada indivíduo se apropria do trabalho de maneira diferente, o que irá sustentar essa diferenciação será a maneira como o sujeito convive em seu meio social, considerado seu contexto socioeconômico. Assim, o trabalho apareceu nas falas dos entrevistados da seguinte forma:

Trabalho pra mim é tudo, o “caba” tem que trabalhar, ter responsabilidade, eu não tive estudo tinha que trabalhar, o caba que não trabalha fica desocupado e pode se envolver com essas coisa errada que tem no mundo ai hoje. (Entrevistado 1)

Trabalhar é uma benção de Deus, né? Porque é do trabalho que eu tiro o dinheiro pra viver e honrar com minhas dívidas, além de ser uma alegria pra mim, me sinto muito digna com meu trabalho, muito honrada graças a Deus. (Entrevistado 4)

Olha, pra mim significa responsabilidade, pois uma pessoa que num trabalha, que num tem uma ocupação, mesmo na minha idade (66 anos), tem uma vida muito angustiada, assim, pra mim pelo menos se eu não tivesse esses servicinhos aqui, uma costura aqui acolá, uma bainha, um conserto na roupa de um vizinho ou até mesmo de um parente que traz pra mim, eu nem sei se eu ainda estaria viva meu filho. Porque isso aqui é uma das coisas que me mantém viva. (Entrevistado 5)

É o meio de ganhar a vida e o sustento de forma honrada, de dar o mínimo para os filhos terem condição de um dia caminhar com as próprias pernas, trabalho é tudo, sem trabalho a pessoa não é nada. (Entrevistado 3)

A gente vive numa sociedade que gira em torno do trabalho. Quando você não trabalha parece que você não tá nela. Na minha época não tinha necessidade de concurso público para entrar no serviço público, mas eu lembro que eu sempre valorizei essa questão do trabalho, pois eu sabia que só a partir dele eu poderia ser alguém. Mesmo administrando casa e trabalho, muito sacrificante, mas deu certo. (Entrevistado 6)

A primeira fala associa o trabalho à obrigatoriedade em virtude da falta de estudo e uma fuga para males existentes na nossa sociedade. Outras falas revelam que este representa como o homem é visto em sociedade, como algo que dá sentido à vida e um meio de proporcionar algo de valor aos filhos.

É importante refletir que historicamente o trabalho representa o papel de regulador da organização da vida humana, em que horários, atividades e relacionamentos pessoais são determinados conforme as suas exigências, sendo fundamentais para a vida social. As atividades exercidas, ao longo da vida, servem de ponto de referência para as pessoas, sendo difícil desarticular-se dessas referências (ZANELLI e SILVA, 1996).

Entende-se, pois, que o ser humano cresce preparando-se para o trabalho e necessita dele, não só por uma questão de sustentabilidade, como de crescimento pessoal. Para o homem, o trabalho representa a própria vida, ainda mais em uma sociedade capitalista em que o homem sem trabalho é considerado improdutivo, sendo excluído socialmente.

Ao analisar a **disposição para o trabalho** nessa faixa etária, foi possível identificar através das falas que os idosos têm percepções diferenciadas acerca de tal aspecto, o que gerou respostas diferenciadas. A maioria das respostas associou disposição para o trabalho com saúde, vontade, tipo de atividade a ser desenvolvida e necessidade.

Tem sim, as vezes você não tem mais condição pra uma coisa pesada como no meu caso, mas isso num quer dizer que não tenha condição de fazer outra coisa, depende do querer também da pessoa, tem gente que quer e gente que não quer mais trabalhar. Tem gente que não precisa mais, que quer só aproveitar o resto da vida em casa mesmo, eu não, eu tô aqui, não dava pra ficar em casa parado não. (Entrevistado 1)

Uma coisa que eu tenho pra dizer, é que o governo que assinou essa aposentadoria, deve ter um lugarzinho lá no céu pra ele, porque o homem depois dos 60 ano, no mundo de hoje em dia num vale mais nada, antigamente eu conheci meu pai com 75 ano trabalhando, eu tenho 67 e se for pra viver trabalhando na roça eu num aguento mais, tenho vontade mas num tenho esforço pra trabalhar. (Entrevistado 2)

Se tiver saúde tem condição sim de trabalhar, porque eu cuido do meu marido, cuido não só do trailer mas também da minha casa. Trabalho na administração do trailer a noite e de dia cuida da minha casa. Faço atividade física durante três dias na semana me acordando 4:30h/ 5:00h da manhã, trabalho até meia noite todo dia, e no outro dia eu tô de pé bem cedo. (Entrevistado 4)

Um pouco, é como eu falei, na minha idade a gente sente muito cansaço e dor, pelo menos eu sinto né, mas depende do serviço que a pessoa faz, tem gente que trabalhou a vida toda mas não foi num serviço pesado demais, ai quando chega nessa idade ainda tem disposição pra muita coisa. Mas tem gente que trabalhou em serviço pesado, ai quando fica velho não aguenta mais nada não, adoece logo e vive nus remédios. (Entrevistado 5)

Sim, ainda tem, não é mais como antigamente mas tem, com o passar do tempo a gente vai cansando mais mas a gente vai superando, tem que se virar porque nós dependemos do trabalho, vamos se virando enquanto der. (Entrevistado 3)

Ter disposição ou não é algo muito relativo, pois tem dias que eu tô super empolgada, mas tem dias que bate aquele desânimo. Bom mesmo seria ter um pé de meia bom e trabalhar só por prazer sem ter aquela pressão de atingir meta, de agradar o cliente, pois corre o risco de perder venda. (Entrevistado 6)

Os diferentes aspectos levantados podem ser associados diretamente ao modo de envelhecimento de cada indivíduo, questão discutida anteriormente. Circunstância socioeconômicas, a posição de classe, culturais etc influenciam nessa realidade de trabalho e no olhar do idoso sobre a disposição para o trabalho (TEIXEIRA, 2008). Assim, percebe-se que as transformações na estrutura social que reflete explicitamente nas relações de trabalho, vão ocasionar muitas implicações nas condições de vida da população seja ela idosa ou jovem. E é esse lado negativo, em nível de Brasil, que para Camarano (2006) vai representar a entrada de ambos na agenda das políticas públicas.

No entanto, nem mesmo as políticas públicas conseguem dar conta dessas expressões da questão social que emergem das relações vigentes na sociedade capitalista independente do estágio em que este se encontra, por que de qualquer forma o capitalismo sempre vai criar estratégias que possam lhe favorecer enquanto acumulador de riqueza, colocando diversos segmentos sociais numa condição de precariado, dentre os quais a população idosa.

Portanto, o que se verifica na sociedade atual, é um constante atentado à cidadania da população idosa e dos demais segmentos sociais que buscam no trabalho o seu reconhecimento pessoal e profissional e que, na maioria das vezes, são relegados à margem do mercado de trabalho, o que representa uma expressão concreta da questão social.

Já sobre o fator **motivação para o trabalho**, predominou o aspecto financeiro, embora o desejo de socialização e de sentir útil também tenha aparecido nas falas.

Os dois, porque depois que a gente fica mais velho, sempre tem umas despesas a mais com saúde, graças a Deus eu ainda não tenho muitas despesas com isso ainda não, mais é sempre bom ganhar um dinheirinho a mais e também pra não ficar parado vendo a mulher aqui precisando de ajuda e eu em casa podendo ajudar né. Depois a gente pega gosto e enquanto tiver freguês a gente tá aqui. (Entrevistado 1)

Eu continuo trabalhando porque não suporto ficar parado, se eu ficar um dia dentro de casa sem fazer nada eu adoço. Outro dia eu fiz até um par de muleta, tem um par de muleta ai que eu fiz pra servir as pessoas que precisa né. Pelo menos eu me sinto assim, se eu ficar parado eu adoço. (Entrevistado 2)

Financeira principalmente, porque além das despesas de casa e de não ser aposentada, eu tenho a despesa com a clínica que meu filho tá internado, é um salário por mês que eu tenho que mandar pras despesas dele, então, é pela questão financeira principalmente. Também tem o lado de a gente não ficar parado né, eu não gosto de ficar parada não, eu gosto de tá fazendo algo, quando eu não tô trabalhando aqui, eu tô fazendo algo em casa, e quando não é em casa é na igreja que faço parte né. (Entrevistado 4)

No meu caso é financeira mesmo, pra ajudar pagar as continhas pequenas. Essa socialização que você diz ai, eu faço indo pra reunião das senhoras na minha igreja alguns dias a noite e no domingo também. (Entrevistado 5)

Financeiro, porque é daqui que tiro meu sustento, hoje em dia as coisas tão todas caras e o dinheiro é pouco, enquanto tiver saúde dá pra ir trabalhando, pode parar não. (Entrevistado 3)

Assim como nas falas, vários fatores são apontados pela literatura justificando a inserção dos idosos no mercado de trabalho. Esses fatores são relacionados às experiências subjetivas de prazer pelo trabalho, ocupando tempo livre e exercendo uma atividade física e mental, ou em decorrência de necessidades financeiras, tanto pela perda do poder aquisitivo devido aos baixos valores dos benefícios concedidos quanto pela necessidade crescente de prover a família (BULLA & KAEFER, 2003; MOREIRA, 2000; STELMACHUK, 2005).

Desse modo, os motivos que levam o indivíduo a trabalhar no período da terceira idade, quer seja ele aposentado ou não, são muito complexos. Os aspectos econômicos da vida dos sujeitos, uma vez que, quanto menor a renda, tanto maior será a sua preocupação quanto à aposentadoria é de extrema relevância. Um exemplo claro são os sujeitos com problemas econômicos, os quais no momento em que se aposentam, podem ter sua renda insuficiente para a sobrevivência. Esse fato é um forte motivo para mais de 4,6 milhões de idosos (cerca de um terço dos idosos brasileiros) retornarem ao trabalho depois de aposentados (IBGE, 2002).

Outro ponto a considerar é a questão subjetiva do idoso em relação ao trabalho, tendo em vista que é no trabalho que a identidade do ser humano encontra-se fundamentada e para manter sua identidade o idoso necessita estar inserido no processo produtivo, pois estando à margem desse processo o idoso tende a naturalizar sua “inutilidade” no mercado de trabalho e os estigmas que se fazem presentes na sociedade, os quais podem se transformar numa questão de saúde.

Todavia, ao serem levados a refletir sobre a continuidade do trabalho informal caso a **aposentadoria atendesse suas necessidades e da família** os entrevistados foram unânimes em dizer que sim. Isto revela que, embora esteja muito presente o fator financeiro na decisão de atuar no mercado informal, há um aspecto subjetivo presente que se expressa na relação com o freguês, na auto-estima do idoso e na própria relação estabelecida com o trabalho.

Hoje eu falo com certeza que sim, depois de três anos aqui, de pegar gosto por isso aqui, eu te digo que continuaria sim trabalhando, não sei te dizer se no caso, na época em que eu me aposentei, caso o aposento fosse muito como de algumas pessoas que se aposenta com um salário bom, eu não posso afirmar se tinha entrado nessa de espetinho não. (Entrevistado 1)

Eu digo que eu continuaria assim, pra agradar os freguês né, porque esses 33 anos eu agradeço muito a Deus e os fregueses que me ajudaram a da de comer as minhas crianças e me suportaram esse tempo todo. Agora só encomenda, sair na rua não dá mais porque até o médico me proibiu, porque eu não posso mais ficar pegando sou quente.” (Entrevistado 2)

Olha, acabei de dizer que o que me motiva é a questão do dinheiro, mas eu também me sinto bem trabalhando, sendo útil, saindo de casa. Aí eu me arrumo, porque eu também sou espelho para minhas clientes, né? É bom. Nos dias de calor é ruim de mais, mas no geral é bom. (Entrevistado 6)

Assim, inserir o idoso no processo de produção, muito mais que uma ocupação e ajuda financeira, visto as dificuldades enfrentadas no mundo contemporâneo, é uma forma de validar sua identidade, que advém de sua inserção no mercado de trabalho, e, além do reconhecimento e sua cidadania, fatores que são de suma importância para o desenvolvimento de um envelhecimento com qualidade de vida.

O aspecto analisado anteriormente nos remete à **percepção do idoso acerca da aposentadoria**. Entende-se que, pensar em aposentadoria significa preparar a população que envelhece, para mudanças em suas atividades laborativas, que podem continuar ou não após o recebimento do benefício previdenciário, até sua desvinculação total do mercado de trabalho.

É importante destacar que quatro dos idosos entrevistados recebem o valor de um salário mínimo, atualmente equivalente à R\$937,00, referente à aposentadoria ou benefício assistencial como já explicitado. Tal salário mínimo é definido por um decreto de lei nacional, sendo reavaliado anualmente tendo como base o atual custo de vida da população. A criação e definição do salário mínimo tem como base o valor mínimo monetário que um indivíduo gasta para manter a sua sobrevivência em uma sociedade capitalista, atendendo assim as necessidades básicas do indivíduo, o que para realidade brasileira está muito aquém de atingir seu objetivo.

De acordo com os entrevistados/as, a aposentadoria apresenta os seguintes significados:

É uma segurança que a gente tem ne, saber que todo mês vai receber aquele dinheirinho e que é certo, quando não der mais pra trabalhar, com a aposentadoria da pra ir se virando. Pra mim tá sendo uma oportunidade de ganhar mais dinheiro, pois quando só ficava aqui minha esposa e minha filha, era mais corrido pra elas, e elas deixavam de ganhar dinheiro, com eu aqui, a gente deu uma ampliada no negócio, e tá bem melhor pra o nosso sustento. (Entrevistado 1)

O negócio é o seguinte, quando a pessoa chega nessa idade aí, se ela tiver condições de trabalhar tem que continuar, não como ela trabalhava antes entendeu? Tem que continuar pra ver se consegue mais um dia de vida pra frente, porque se ele deixar de trabalhar ele entrea. Eu acho que enquanto a pessoa puder se mexer ele tem que se mexer pra se desenvolver o corpo, mas não aquele serviço pesado. (Entrevistado 2)

Assim, quando o meu filho retornar, quando os meus netos forem de maior e puderem tocar a vida eu acredito que eu vou descansar, porque eu necessito né, acredito que vou sim parar, mas ainda não posso, tenho condições de continuar e preciso ainda né. Mesmo que eu fosse aposentada hoje, eu ainda continuaria trabalhando por tudo isso que eu já falei, as despesas com meu filho são muitas e com a aposentadoria minha e de meu marido não daria pra pagar não, e daqui que eu tiro o dinheiro pras despesas dele. (Entrevistado 4)

Se a pessoa tiver condição de trabalhar, é bom continuar se ocupando com alguma coisa pra num da lugar para as doenças, mas se a pessoa já tiver muito cansada e já tiver sofrendo com algum problema de saúde, o certo é descansar pra vê se vive mais tempo. (Entrevistado 5)

Eu acho que eu já prestei conta com a sociedade, já fiz e agora recebo o que me é de direito. Então daqui por diante eu faço do meu jeito, trazendo mais dinheiro pra dentro de casa, mais dinheiro pra realizar minhas vontades, pra viajar, pra curtir os passeios com minhas amigas. (Entrevistado 6)

Vê-se nas falas a aposentadoria relacionada a um momento de descanso, mas condicionada ao bem estar da família e à possibilidade de incrementar a renda familiar. Um aspecto importante nas falas é a qualidade do trabalho enquanto possibilidade após a aposentadoria, o que revela que estes não eram satisfeitos com as condições de trabalho as quais eram submetidos.

Assim, avalia-se que a representação coletiva do idoso inativo não mais produtor de bens e serviços, vem sendo substituída, portanto, pela figura dos idosos dinâmicos, reunidos em grupos geracionais e por vezes esteio econômico do grupo familiar (MOTTA, 2000). Para Motta (2000, p.03), a nova centralidade familiar do idoso não resulta da construção “espontânea” de novas e melhores relações entre as gerações, mas principalmente pelo “lado negativo da pressão da crise econômica, do desemprego estrutural ou da precariedade dos empregos e pelo descarte progressivo das atribuições sociais do Estado”.

Simões (2004, p. 08) constatou que a autoimagem do “provedor” construída pelos aposentados permite “desconstruir a representação dos mais velhos como um encargo para a família e para a sociedade”. De acordo com o autor, a aposentadoria não os livra da responsabilidade de assegurar o sustento da família, pelo contrário, aumenta a responsabilidade devido aos gastos com a saúde ou em decorrência da necessidade de serem solidários com os mais jovens. Assim, acrescenta que, a despeito das possíveis limitações físicas decorrentes da idade, os aposentados entrevistados transmitiram uma imagem de “aposentados ativos”, opondo-se ao estigma da inatividade.

Para finalizar a análise deste tópico, é importante refletir que atualmente vivenciamos a progressiva desvinculação entre o momento da aposentadoria e a última etapa da vida, denominada de terceira idade. Ou seja, a associação corrente entre a velhice e a aposentadoria vai perdendo espaço no imaginário social, pois nem todos os aposentados são velhos e nem toda velhice é aposentada (LUBORSKU & LEBLANC, 2003), a exemplo do universo da presente pesquisa.

Nessa direção, no que se refere ao mercado de trabalho brasileiro para o idoso, evidencia-se, nas publicações do IPEA, que os aposentados muitas vezes retornam ao mesmo, ou até, em alguns casos, permanecem exercendo suas atividades laborais após a aposentadoria, ou ingressam no setor de serviços e de trabalho por conta própria (CAMARANO, 2004). Isso porque a perda de status social que a aposentadoria traz vem acompanhada de uma perda do poder aquisitivo e padrão de vida anteriormente mantido. Assim, a despeito da universalização da seguridade social, mesmo com a aposentadoria, há a necessidade de complementação da renda para os idosos. Como vimos então, trabalhar, para o idoso aposentado, pode significar além de uma renda mais elevada, autonomia física e mental e maior integração. Já para o idoso não aposentado, a inserção no mercado informal de trabalho significa a real sobrevivência, o que o deixa numa situação ainda mais vulnerável, em virtude da falta de segurança social.

No trabalho informal, cuja característica é a heterogeneidade, pode-se encontrar, desde os trabalhadores sem carteira, a autônomos e pequenos empregadores. O seu espectro se desdobra desde o comércio ambulante à pequena produção familiar, incluindo prestadores de serviços, guardadores de carros e outros; é composto por agentes que atuam à margem da regulação do Estado. Este trabalho informal, sem carteira assinada, sem repouso remunerado,

sem férias, sem décimo terceiro salário, prerrogativas que o trabalho formal oferece, que se manifesta de variadas formas, que vão da compra e venda de produtos sem nota à sonegação fiscal e contratação irregular de trabalhadores, movimentam uma economia nada informal, levando-se em conta o peso que vem representando para o produto interno bruto brasileiro, chegando a quase 40% da renda bruta nacional, e ocupando o nono lugar no ranking da informalidade (O CRESCIMENTO, 2005). Acrescenta-se às características do trabalho informal, os baixos salários, más condições de trabalho, instabilidade, acesso limitado à qualificação profissional e a capital para investir. Apesar disso, constitui-se num amortecedor e redutor aparente do desemprego, acalmando - ainda que de forma precária - impactos mais negativos sobre o trabalhador (CAMPOS, D'ALENCAR, 2006).

No que diz respeito ao universo desta pesquisa, é importante considerar que os idosos desta pesquisa começaram a trabalhar muito cedo, até mesmo com dez anos de idade, para ajudar os pais na complementação da renda familiar. Vê-se, pois, que os reaproveitados de hoje foram precocemente absorvidos no passado. Alguns desses idosos desenvolveram novas experiências que acabaram se transformando em ocupação, a exemplo de: comerciante, borracheiro, vendedor e costureira. A maioria deles não recebe ajuda de filhos nas despesas da família. Essa situação vem corroborar resultados de pesquisas realizadas em outros espaços, em que se constata que os idosos não representam peso, fardo para as famílias, pois cresce o número daqueles que sobrevivem com a renda dos idosos. Identificou-se também que a **inserção no mercado de trabalho informal** por tais idosos/idasas, foi resultado de reestruturação do mercado formal de trabalho, o qual não absorvia o idoso com as suas particularidades, principalmente relacionadas à saúde; foi consequência da absoluta necessidade, por força das baixas aposentadorias que, no entender da entrevistada Natura, são insuficientes para cobrir as despesas; foi resultado da busca por independência nas relações de trabalho; e que a inserção no trabalho informal foi para não ficar parado e acabar adoecendo; e por não ter oportunidade no mercado formal. Isto se expressa nas seguintes falas:

Desde dos meus 10 anos de idade que eu trabalho. Mas no meu último trabalho eu era de motorista pra uma determinada empresa, só que por questão de redução de custo a empresa queria que os motorista também ajudassem a carregar e descarregar as mercadorias pra não ter que contratar mais pessoal pra fazer esse serviço, tinha carregador que andava comigo, mas duas pessoa descarregando era mais rápido, só que eu não aguentei muito não, logo no início que comecei a ajudar descarregar eu fiquei ruim das costas e tive que me afastar, depois eu voltei e logo em seguida eu senti dores nas costas novamente, aí a empresa não queria ficar no prejuízo, acabou ajeitando as papeladas pra me aposentar logo, aí foi então que eu vim ajudar minha mulher e minha filha que já tinha esse negocim montado. (Entrevistado 1)

Eu comecei trabalhando de empregado desde menino, eu trabalhava na roça, e em 85 eu deixei a roça por causa de doença, adoeceu um garoto meu lá em Fronteiras, e eu tive que vir aqui pra Picos, eu passei 15 dias com ele no hospital e ele acabou morrendo. Nessas alturas eu já tinha vendido até a legume de comer, aí eu conheci um rapaz que vendia algodão doce, aí eu comecei a trabalhar com ele, e nessa onda, nessa onda de passar uma chuva, eu já tô com 33 anos. Graças a Deus foi de onde eu vim da de comer a minha família e nunca precisei trabalhar de empregado pra ninguém. Eu também nunca tive muito estudo e achar emprego de carteira ia ser difícil." (Entrevistado 2)

Antes eu trabalhava prus outros, costurando de empregado pra pessoas que já tinham seu ateliê montado, mas era muito ruim, o povo paga pouco. No início era bom por que eu ia aprendendo, mas depois eu vim morar em Picos, aí eu não consegui lugar pra trabalhar aí eu continuei nesse ramo de costura até achar outra coisa. Aí nessa espera eu vi que dava pra viver disso, e tô até hoje. Sem falar que trabalhando eu tô ocupando minha mente, tiro a cabeça dos problemas, não fico pensando em doença. (Entrevistado 5)

Como não estudei tinha que procurar um mei, comecei remendando pneu de bicicleta e moto, fui comprando as ferramentas devagarinho ate que montei uma borracharia, hoje nós faz serviço em carro grande, caminhão, ate em trator, e tamo ai ate hoje. (Entrevistado 3)

Eu comecei a vender meus produtos de beleza antes mesmo de me aposentar. Quando eu decidi me aposentar eu já comecei a me organizar, pois eu sabia que eu ia perder as gratificações, que o cálculo do INSS não ia me favorecer. Parece pouco quando a gente vê o valor, mas todo dinheiro que sai e que entra faz diferença nas despesas da casa. (Entrevistado 6)

É importante refletir que, à medida que os trabalhadores envelhecem, as melhores chances de permanecer ativos pertencem aos mais bem qualificados, aos de melhor escolaridade e, sobretudo, aos que não estão envolvidos em atividades manuais, além de também serem identificados diferenciais significativos entre a atividade dos idosos nos meios urbano e rural. (CAMARANO, 2004). Para Giddens (1991), o processo de globalização traz, como consequência, além da redução dos postos de trabalho e do aumento do desemprego, maiores restrições no mercado de trabalho. Os empregos assalariados regulamentados diminuem e cresce o número de trabalhadores autônomos, lógica esta incentivada pela terceirização de serviços nas empresas, como pela iniciativa do trabalho por conta própria. Destas alterações provocadas pela reestruturação produtiva e organizacional resultam prejuízos da qualidade da inserção no sentido da precarização dos vínculos e da perda da proteção oferecida pelos direitos trabalhistas.

Já a **falta de oportunidade no mercado formal** ou impedimento para a inserção no mercado formal de trabalho foi justificada em virtude da saúde, falta de estudo e preconceito com a idade.

Minha saúde mesmo, pois como eu disse, eu trabalhei a vida toda de motorista, e as empresas agora só tão pegando gente mais nova pra poder fazer várias coisas ao mesmo tempo e elas terem menos despesas. (Entrevistado 1)

Hoje é como eu disse, eu não tenho mais saúde como antes né, e já tem a minha aposentadoria e de minha esposa, já tô com os fi criado, ai eu não preciso mais me matar de trabalhar, faço uma coisa aqui e ali porque não consigo ficar parado, e agrado meus fregueses ainda em uma festinha aqui acolá quando contratam meus serviços. Mas, trabalhar hoje de carteira assinada e para os outros não dá mais não, nunca quis nem quando eu era mais novo. (Entrevistado 2)

A minha saúde não dá mais pra eu trabalhar para as pessoas, né, e também questão de preconceito e ninguém querer receber a pessoa nessa idade a gente sabe que não tem condições né. (Entrevistado 4)

A idade né, não tem mais como eu trabalhar para os outros não, aqui eu faço o que dá pra fazer, e trabalhar para os outro, mesmo com a carteira, na minha idade não compensa mais não, e pra pagar por fora, no papel avulso também não compensa, já é pouco o eu ganho aqui, e ainda tirar um valor todo mês não dá não. (Entrevistado 5)

Como eu já disse não tive estudo e quem não tem estudo é difícil arrumar emprego, ainda mais na minha idade fica mais difícil ainda, as coisas é difícil, eu vejo muita gente nova ai que tem estudo e é difícil arrumar um emprego, mas tô satisfeito com o que tenho. (Entrevistado 3)

Dentre os aspectos elencados, destaca-se nesse momento a relação da baixa escolaridade com as possibilidades existentes num mercado de trabalho excludente e cada vez mais competitivo.

Os entrevistados/as relatam que a **experiência no mercado de trabalho informal** foi um processo de readaptação ao novo processo de trabalho, visto a quantidade de tempo em outra atividade laboral. Referem ainda que possuem limitações, principalmente de saúde, e que o mercado de trabalho, mesmo na informalidade, possui concorrência. Expressam atingir o seu objetivo com a renda adquirida através do trabalho informal, o que para maioria é o sustento familiar.

É bom, agora pra mim tá bom, mas no começo eu estranhei um pouco, trabalhei a vida toda de motorista e agora eu tô vendendo espetinho, eu achei muito parado no início comparado a vida de motorista, por que eu passava o dia de um lado para o outro e muitas das vezes entregando em outras cidades as mercadorias, aqui é no mesmo lugar sempre. (Entrevistado 1)

É bom né, num tenho o que reclamar não, foi daqui tirei meu sustento, meu e de minha família, e como eu disse, nunca precisei trabalhar mais pra ninguém graças a Deus. (Entrevistado 2)

Eu gosto, consigo da de conta do serviço, apesar de no começo ter sido um pouco difícil né, mas graças a Deus eu consegui e venho conseguindo até hoje. (Entrevistado 4)

Vixe meu filho, hoje é mais difícil, tem muita gente costurando, muita menina nova costurando. Ai você sabe né, esse povo mais novo aguenta trabalhar mais, aguenta pegar serviço grande. Eu não posso mais fazer isso, não tenho como dar conta de muito serviço. Mas eu sempre gostei de costurar, e ainda consigo fazer umas coisinhas que ai vai me ajudando a pagar as continhas pequena, e o resto das despesas nós paga com a aposentadoria de meu marido.” (Entrevistado 5)

No começo é difícil os serviços é pouco, mas quem trabalha Deus ajuda, fui ganhando freguês e aumentando os serviços e deu pra ir me mantendo botando comida em casa e criar meus filhos. Hoje ta melhor não tenho do que reclamar não. (Entrevistado 3)

Nessa mesma direção, no entender dos/as idosos/as os **maiores dificultadores, ou desvantagens, que o trabalho informal proporciona** é a falta de segurança que o trabalho por conta própria apresenta. Os direitos assegurados pela CLT (seguro-desemprego, aviso prévio, FGTS) não existem na informalidade. Foi citado pelos/as idosos/as, ainda, o fato de que só se recebe quando se trabalha, o que difere das empresas formais. Outro aspecto relevante que voltou a ser citado foi a concorrência e conseqüente necessidade de se qualificar mesmo no mercado informal. O fator crise também foi identificado em duas falas. Por outro lado, identificou-se como vantagens a flexibilidade de horários e inexistência de patrão.

A principal dificuldade é a crise né, os preços aumentando e a concorrência também. Em toda esquina tem alguém vendendo espetinho agora, ai você sabe, se não tiver um diferencial não vende, por isso que aqui eu é quem asso e minha esposa e minha filha fica no atendimento, assim a gente vai dando conta. Trabalho sempre com produto de qualidade, bebida bem geladinha para agradar os fregueses. (Entrevistado 1)

As dificuldades que não deixa de ter né, a crise, a gente deve saber o que fazer pra poder manter, não podemos estocar muito pra sobrar pra outra coisa, não gastar muito com uma coisa e faltar em outra. Eu não fiz nenhum curso, n tenho muito estudo e tive que aprender tudo sozinha, sozinha não, Deus me capacitou. (Entrevistado 4)

É como eu disse, muita gente nova com mais disposição. Tem também o fato de hoje os clientes são mais exigentes, tem uns modelos que as pessoas trazem de revista que eu não faço não, porque não tenho máquina apropriada e também minha vista não ajuda mais, tem muito detalhe nesses modelos ai de revista. (Entrevistado 5)

É difícil porque a gente não tem garantia, não é uma coisa certa, no meu caso eu dependo dos outros, dos clientes pra vim pra eu poder atender, se eu passar um dia doente é um dia de serviço que eu deixei de ganhar dinheiro, por isso é difícil. (Entrevistado 3)

Pra mim a maior dificuldade é a concorrência. Meus produtos por si eles se vendem, mas existe muita gente vendendo e aí tudo que você ficar é um diferencial. Tem uns cursos no SENAC que capacitam a gente pra venda. Acho interessante, pois o modo de falar, de abordar, tudo influencia. Mas, por outro lado, eu mesmo faço os meus horários, não tenho ninguém dizendo o que devo fazer. Sem falar que eu não pago pra trabalhar. (Entrevistado 6)

Outros aspectos importantes a serem colocados é o fato de, ao optar pelo setor informal o idoso/a estaria livre de quase todos os encargos fiscais que a legislação lhe impõe; contudo, como no setor formal, não está livre da concorrência e da influência desta na formação do preço do produto que irá comercializar.

Reflete-se ainda que, se a crise pode ser um fator determinante na inserção do idoso no mercado informal de trabalho, revelando como uma alternativa à crise, como algumas pesquisas demonstram, esta mesma crise também aparece nas falas como um fator dificultador na realidade brasileira, tendo consequências também mercado informal contemporâneo. Isto porque, ao atingir o poder de compra e repercutir no aumento dos produtos, afetaria consequentemente o/a idoso/a atuante no mercado informal.

Além de ter que lidar com dificuldades estruturais, os/as idosos/as lidam com um aspecto subjetivo que é o preconceito/discriminação em virtude da idade. De acordo com os sujeitos da pesquisa, o **preconceito/discriminação tem uma relação direta com a falta de oportunidade no mercado formal** de trabalho:

Sim, como eu falei antes, as empresas preferem pessoas mais novas. (Entrevistado 1)

Sim. Pra mim tem sim. Eu depois que fiquei mais velho nunca fui atrás de trabalho n, meu “negocim” estava dando certo e eu não tinha necessidade de trabalhar para os outros n, como disse antes, eu procurei trabalho quando era novo, quando eu vim pra Picos, mas como não deu certo, vim pra esse ramo de vender algodão doce e graças a Deus deu certo né. Mas, no mundo de hoje a pessoa mais velha num tem muito valor n, e ninguém que dá emprego mais não. (Entrevistado 2)

Sim, acho que tem sim. Eu acredito que se eu fosse procurar emprego em algum lugar eu não ia achar não, justamente por causa da idade e da saúde também né. As pessoas mais velhas não têm chance não, eu tô aqui porque é do meu filho né, mas se não fosse, eu acho que em meu lugar com certeza teria uma pessoa mais nova. (Entrevistado 4)

Eu acho que tem sim, ninguém quer ter trabalho com gente velha não, as vezes nem os da família quer ter esse trabalho, imagine os de fora. Sem falar que gente mais nova tem mais disposição pra fazer as coisas né, e hoje as coisas são tudo numa velocidade que a gente num acompanha mais não.” (Entrevistado 5)

Diante disso, pode-se definir o preconceito como “conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial definidora da natureza do grupo, e, portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (MEZAN, 1998, p. 226).

Tendo como referência a perspectiva explorada, o sujeito está inserido em um contexto social em que sua mão de obra é valorizada de acordo com sua capacidade de exercer a função de forma ágil, visando o materialismo, uma vez que, troca a sua mão de obra para obtenção de

lucro, partindo desta premissa. O momento atual visa valorizar essencialmente a juventude, mesmo sabendo que envelhecimento é um processo normal e que afeta todos os seres humanos e, tendo uma visão negativa deste período da vida, faz em parte com os próprios idosos detenham esta imagem, que constitui um dos significados preconcebidos sobre a velhice. O desconhecimento deste processo leva a absorver e transmitir falsas percepções que contribuem, direta e indiretamente, para isolar e acelerar o processo de envelhecimento (FREITAS e QUEIROZ, SOUSA, 2010).

Uma vez que, qualidade de vida da população idosa está associada à manutenção da capacidade funcional ou da autonomia, tal preconceito só contribui para um processo de isolamento ou mesmo aos transtornos ligados a depressão. Assim, é importante entender que a autonomia é a medida pela qual os indivíduos são capazes de tomar decisões em relação à escolha de atividades, métodos, maneiras de participação social, tempo de duração de atividades, dentre outras. (ROWE; KAHN, 1987 *apud* FRANÇA, 1989). Assim, os limites colocados para o idoso pela família e sociedade configuram uma perda de autonomia que lhes apontam não ter os mesmos direitos que lhes cabiam na vida adulta. Isto implica cobranças e exigências do adulto para com os idosos que os limitam, principalmente em relação às possibilidades de satisfação.

Para além disso, a **falta de segurança social, impossibilidade de garantir uma aposentadoria digna** também está presente no imaginário de dois idosos entrevistados ao se inserirem no mercado informal de trabalho. Elas se expressam da seguinte forma:

Eu já pensei assim, eu já procurei o INSS, e pelo fato de eu ser casada, meu esposo é assalariado (aposentado), aquela aposentadoria por idade me disseram que eu não tenho direito, más devido o meu problema de saúde, eu tenho hérnia, eu tenho artrose, um advogado me orientou pagar o INSS, más primeiro eu procurei o auxílio doença, mas ele expos pra mim que deveria pra ter direito ter cinco pessoas na casa pra eu receber o benefício, depois eu recebi uma visita de uma assistente social pra ver realmente se eu necessitava, e eu ainda tinha que ter algumas audiências com o juiz pra poder eu ter direito a esse benefício, ai eu desisti. (Entrevistado 4)

Olha, assim, eu queria tem um aposento também, por que é uma coisa certa né, é um dinheirinho pouco mas é todo mês e melhoraria mais as coisas aqui em casa, más, mesmo com o aposento eu continuaria costurando, por que eu gosto né, pra num ficar parada mesmo. Mas eu me preocupo sim, por que ninguém sabe o dia de amanhã né, vai que minhas dores nas costas aumentem e não tem mais como eu fazer nada, ai com mais um aposento deixava a gente mais tranquila. Um filho meu ficou de ver isso pra mim com um advogado, tô esperando. (Entrevistado 5)

Diferente da perspectiva da aposentadoria trabalhada anteriormente, em que esta é vista como um período de crise da identidade pessoal, devido ao importante lugar ocupado pelo papel profissional na atualidade, ao falar em aposentadoria neste momento os dois idosos citados se referiram ao benefício monetário como um fator de segurança. É inegável que as aposentadorias desempenham papel muito importante na renda dos idosos (CAMARANO; PASINATO 1999). Entretanto, é importante lembrar que não são todos os idosos que possuem esse benefício. Entre aqueles que recebem, em muitos casos, as remunerações auferidas não conseguem manter o seu padrão de vida, e muitas vezes, não são suficientes sequer para proporcionar-lhes condições. O fato é que, se para muitos idosos a aposentadoria pode ser um momento de diminuição da renda, perda de gratificações e benefícios agregados ao salário em período ativo, para outra parcela ele pode ser o valor mínimo, mas seguro, que a família pode contar por mês.

Por fim, diante das análises realizadas, infere-se que o trabalho informal, independente do seu conteúdo, está sendo visto como saída para um problema social dos mais sérios na contemporaneidade. Assim como milhões de brasileiros buscam o sustento, e de seus dependentes, ocupando-se em atividades de vendedor, prestador de serviços, outros milhões de

cidadãos não encontram, sequer, essa opção. Esta situação, associada ao aumento na expectativa de vida, que vem contribuindo para uma mudança na estrutura demográfica do Brasil, ajuda a determinar uma condição ainda mais precária para os idosos. Esta nova tendência traz demandas de conteúdo social e econômico, fazendo com que alguns trabalhadores sejam obrigados a buscar formas alternativas de sobrevivência, que é a inserção no mercado informal de trabalho.

O desemprego, portanto, se constitui em um dos grandes desafios a ser enfrentado por governos e sociedade, com políticas que gerem mais vagas no mercado formal, melhorem a relação capital-trabalho e ofereçam condições a que mais pessoas participem da geração de riqueza, minimizando o problema para os diversos segmentos que desejam ser úteis e produtivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões ora apresentadas no presente artigo foram um ponta pé inicial para um posterior aprofundamentos teórico e empírico sobre o tema. As temáticas centrais aqui estudadas, quais sejam: envelhecimento, mercado de trabalho e trabalho informal, tem a capacidade de nos inquietar a entender ainda mais sobre uma realidade presente na nossa sociedade que é a inserção do idoso no mercado informal de trabalho.

Assim, a partir dos argumentos apresentados é possível afirmar que existe uma estigmatização da pessoa idosa como improdutiva, a qual está associada diretamente ao modo de produção capitalista. Como o idoso é parte do segmento populacional que não atende as necessidades de intensificação e de exploração do trabalhador ele é segregado do mercado de trabalho, e, portanto, também estigmatizado. Esse processo de estigmatização se desdobra e se reproduz por várias esferas da vida.

Para uma compreensão da totalidade do objeto de estudo em questão, vislumbrou-se que a percepção dos entrevistados acerca da categoria idoso está permeada das vivências de cada sujeito, caracterizando a velhice ou a terceira idade como uma fase heterogênea, influenciada por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos. A capacidade laborativa e social esteve presente na perspectiva dos idosos, embora a associação entre idade x saúde tenha sido considerada relevante, o que nos fez refletir sobre a importância do investimento num processo de envelhecimento saudável, que perpassa tantos pelos cuidados pessoais, mas também investimento público na saúde da pessoa idosa.

A forma como cada sujeito da pesquisa se relaciona com o trabalho revelou a importância do desenvolvimento de uma atividade laboral na nossa sociedade capitalista. Isto se expressou através do orgulho em ter uma ocupação, em proporcionar o sustento da família, ao ver o trabalho como fuga para possíveis males, obrigatoriedade em virtude da falta de estudo etc. Sobre a disposição para o trabalho, a maioria das respostas associou disposição para o trabalho com saúde, vontade, tipo de atividade a ser desenvolvida e necessidade, aspectos diversos que nos fazem ver a amplitude de tal discussão, apresentando aspectos objetivos e subjetivos. Já sobre o fator motivação para o trabalho, predominou o aspecto financeiro, embora o desejo de socialização e de sentir útil também tenha aparecido nas falas. Assim, os aspectos econômicos da vida do sujeito decorrentes da perda do poder aquisitivo devido aos baixos valores dos benefícios concedidos quanto pela necessidade crescente de prover a família e as experiências subjetivas de prazer pelo trabalho, ocupando tempo livre e exercendo uma atividade física e mental, foram aspectos de extrema relevância revelados na pesquisa.

No que diz respeito à inserção do trabalhador idoso no mercado informal de trabalho em Picos, é notório que os idosos trabalhadores ocupam papel econômico central na vida das famílias em que os mais jovens estão desempregados ou subempregados, e, assumindo o papel de provedores do domicílio, os idosos mantêm o poder de negociação com as demais gerações

com que convivem. A inserção no mercado informal de trabalho por tais idosos/idasas, foi resultado de reestruturação do mercado formal de trabalho, o qual não absorvia o idoso com as suas particularidades, principalmente relacionadas à saúde; consequência da absoluta necessidade, por força das baixas aposentadorias; da busca por independência nas relações de trabalho; em virtudes de aspectos sociais, que incidem sobre a identidade e saúde do idoso.

Das alterações provocadas pela reestruturação produtiva e organizacional resultam prejuízos da qualidade da inserção no sentido da precarização dos vínculos e da perda da proteção oferecida pelos direitos trabalhistas (seguro-desemprego, aviso-prévio, FGTS etc). Assim, além dessas, outras desvantagens decorrentes do trabalho informal são: a concorrência e a influência desta na formação do preço do produto que irá comercializar; a consequente necessidade de se qualificar mesmo no mercado informal; o fator crise também esteve presente na pesquisa, embora também seja um fator determinante na inserção do idoso no mercado informal de trabalho, revelando-se como uma alternativa à crise. Outro aspecto importante do mundo do trabalho informal para a pessoa idosa é que a inserção na informalidade significa para esses idosos a continuidade das condições precárias de trabalho que sempre tiveram em fases anteriores de suas vidas. A flexibilidade de horários, inexistência de patrão e a isenção de quase todos os encargos fiscais que a legislação lhe impõe, apareceram como uns dos poucos pontos positivos para a inserção no mercado de trabalho informal.

A busca pela inserção dos idosos no mercado informal de trabalho também está atrelada ao preconceito/discriminação em virtude da idade, muito presentes no âmbito do mercado formal de trabalho, o que revela uma sociedade que valoriza essencialmente a juventude, mesmo sabendo que envelhecimento é um processo normal e que afeta todos os seres humanos e, tendo uma visão negativa deste período da vida, faz em parte com que os próprios idosos detenham esta imagem, que constitui um dos significados preconcebidos sobre a velhice. Outro aspecto relevante é a impossibilidade de garantir uma aposentadoria digna para sua família, revelando facetas do processo de aposentadoria que pode caracterizar a diminuição da renda ou o valor mínimo seguro, embora não suficiente, que a família pode contar por mês.

Por fim, que o envelhecimento populacional no Brasil é expressivo e crescente nós já sabemos. Esse panorama mostra que embora durante o século XX, por mais de 50 anos, a gerontologia (estudo dos fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento do ser humano) tenha considerado o envelhecimento como a antítese do desenvolvimento (NERI, 2001) essa visão está sendo modificada e que a presença dos idosos no mercado de trabalho será cada vez maior. Nessa direção, assegurar o processo de envelhecimento com dignidade, retardando o envelhecimento físico e mental, vencer o preconceito e promover a inclusão é grande desafio para a sociedade atual. Para isso, são necessárias intervenções direcionadas à saúde, inserção no mercado de trabalho, medidas de proteção social e garantias para uma boa qualidade de vida futura para os idosos.

Vislumbra-se assim, contribuir para o amadurecimento desta discussão no meio acadêmico e quiçá contribuir com a sociedade na busca de caminhos para uma inclusão da pessoa idosa no mercado de trabalho que seja pautado pelo respeito à dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. S. D.; CAMPOS, J. B. **VELHICE E TRABALHO: a informalidade como (re) aproveitamento do descartado**. In: Estud. Interdiscip. Envelhec., Porto Alegre, v. 10, p. 29-43, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4794>
Acesso em: 12 jun. 2017.
- AMARILHO C. B. **O executivo-empresendedor, sua aposentadoria e o processo de afastamento do trabalho**. Rio de Janeiro: UNATI, 2005
- ASSIS, Mônica de. **Envelhecimento ativo e promoção da saúde: reflexão para as ações educativas com idosos**, 2005. Disponível em: <
<http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Envelhecimento.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2017
- _____. O envelhecimento e suas conseqüências. In: CALDAS, Célia Pereira. **A saúde do idoso: a arte de cuidar**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado 1988.
- BRÊTAS, A.C.P. Cuidadores de idosos e o sistema único de saúde. **Revista Brasil. Enfermagem**. Brasília, v. 56, n. 3, p. 298-301, mai./jun., 2003.
- BULLA, L.C. e KAEFER, C. O. Trabalho e **Aposentadoria: Repercussões na vida do idoso aposentado**. Revista Virtual Textos & Contextos, 2003. Disponível em revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fass/article/view/957. Acesso em 15 nov. de 2017.
- CAMARANO, Ana Amélia. O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise, Rio de Janeiro, n. 12, p. 30-33, 1999.
- _____. **Os novos idosos brasileiros**. Muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- _____. Mecanismos de proteção social para população idosa brasileira. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- _____. Nota técnica: **O idoso brasileiro no mercado de trabalho**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_012h.pdf Acesso em: 01 jun. 2017.
- _____. **Relações Familiares, Trabalho e Renda entre Idosos**. In: JÚ- NIOR, Juarez Correia Barros / organizador. Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade – 1. ed - São Paulo: Editora Edicon, 2009.
- CAMARANO, Ana Amélia, PASINATO, Maria Teresa. **Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária: como ficam as mulheres?** Rio de Janeiro: IPEA, 1999 (Texto para Discussão, 883).

COCKELL, Fernanda Flávia. **Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil.** Psicol. Soc. vol.26 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2014. *On-line version* ISSN 1807-0310. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200022 Acesso em: 10 out. 2017.

COELHO, Ricardo Corrêa. **Estado, governo e mercado.** – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2009.

D'ALENCAR, Raimunda Silva; CAMPOS, Juliana Britto. **VELHICE E TRABALHO: a informalidade como (re) aproveitamento do descartado.** Estud. Interdiscip. Envelhec., Porto Alegre, v. 10, p. 29-43, 2006.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. ONU, 1948. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf Acesso em: 11 mai. 2017.

DEPRESBITERIS, Léa. **Concepções atuais de educação profissional.** 2. ed. Brasília: SENAI/DN, 1999.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos. Indicadores. Mercado de trabalho, 1999. Disponível em www.dieese.org.br Acesso em 10 ago. 2017.

DIAS, Reinaldo. **Sociologias das organizações.** São Paulo: Atlas, 2008.

FRANÇA, L. H. P. **Perspectivas Existenciais num Grupo de Idosos.** Intercâmbio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 49-56, 1989.

FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. **O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos.** Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo (SP), v. 44, n. 2, p. 407-12, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Normas técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GONÇALVES, Francisca Heliane de Sousa. **A prática do assistente social no Nasf na cidade de Picos (PI): efetivação do direito à saúde e a consolidação da cidadania da pessoa idosa.** 2014. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Curso de Serviço Social. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Picos, PI, 2015.

GORDILHO, A. et al. **Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio pelo setor saúde na atenção integral ao idoso.** Rio de Janeiro, UNATI / UERJ, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. Estatística da População. 2007. Disponível em www.ibge.gov.br Acesso em: 28 abr. 2017.

BULLA, Leonia Capaverde. KAEFER, Carin Otilia. **Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado.** Revista Virtual Textos & Contextos, nº 2, dez. 2003. Disponível em: http://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8023/2/Trabalho_e_aposentadoria_as_repercussoes_sociais_na_vida_do_idoso_aposentado.pdf Acesso em: 12 nov. 2017.

LIBERATO, Vânia Cristina. **A oferta de trabalho masculina “pós-aposentadoria”:** Brasil urbano – 1981/2001. 2003. 78 p. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: https://www.cedeplar.ufmg.br/demografia/dissertacoes/2003/Vania_Liberato.pdf Acesso em: 03 jun. 2017.

LODI, J.B.. **Recrutamento de Pessoal.** 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1992

LOPES, R. G. da C. **Saúde na velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento.** São Paulo: EDUC, 2000.

LUBORSKY, M. & LEBLANC, I. (2003). **Cross-cultural perspectives on the concept of retirement: An analytic redefinition.** *Journal of Cross Cultural Gerontology*, 18(4), 251-327.

MARX, Karl; **Manuscritos econômico-filosóficos,** São Paulo, Nova Cultura, 1991, p.165-188

MATSUO, M. **Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais.** Tese. Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05032010.../MYRIAN_MATSUO.pdf Acesso em: 28 mai. 2017.

MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MOREIRA, M. M. S. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento.** Dissertação de Mestrado, 2000. Fundação Osvaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro.

Motta, A. B. (2000). **Relações de família dos mais idosos.** In *Anais do Encontro Anual da ANPOCS*, 24 (p. 103). Petrópolis, RJ.

MUNIZ, T. S.; BARROS, A. **O trabalhador idoso no mercado de trabalho do capitalismo contemporâneo.** In: Ciências humanas e sociais, Maceió, v. 2, n.1, p. 103-116, maio 2014. ISSN ELETRÔNICO 2316-672X. periodicos.set.edu.br Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/1079> Acesso em: 12 jun. 2017.

NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento.** Campinas (SP): Papyrus, 2001.

_____. **As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressa no Estatuto do Idoso.** Revista A Terceira Idade, São Paulo- SP, v.16, n.34, p. 07-24, 2005

_____. **Desenvolvimento e envelhecimento:** perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus. Ed 3ª, 2007.

O CRESCIMENTO da Economia Informal. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 jan. 2005. Caderno Dinheiro, B4.

OLIVEIRA, A. M.; OLIVEIRA, E. L.; WAJNMAN, S. **Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências.** In: CAMARANO, A. A. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2017.

ROWE, J. W.; KAHN, R. L. **Human Aging: usual and successful.** Science, Washington, DC, v. 237, p. 143-149, 1987.

RULLI NETO, Antônio. **Proteção legal do idoso no Brasil:** universalização da cidadania. São Paulo: Fiuza, 2003.

SALGADO, M. A. Os Grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. Políticas públicas para a habitação do idoso. *A Terceira Idade*, v. 39, São Paulo, 2007.

Simões, J. A. (2004). **Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública.** In C. E. Peixoto (Org.), *Família e envelhecimento* (pp. 25-56). Rio de Janeiro: FGV.

STELMACHUK, M. S. L. **Sentido do trabalho para os idosos em exercício profissional remunerado.** Dissertação de mestrado, 2005. Programa de Pós – Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil.** – São Paulo: Cortez, 2008.

VANZELLA, E.; NETO, E.A.L.; SILVA, C.C. **A Terceira Idade e o Mercado de trabalho.** In: Revista Brasileira de Ciências da Saúde - Volume 14, Número 4, Páginas 97-100, 2011, ISSN 1415-2177. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/7199/5692> Acesso em: 21 jun. 2017.

ZANELLI, J. C. SILVA N. **Programa de Preparação para Aposentadoria.** [S.l.]: Insular, 1996.

ZIMMERMANN, Guite I. **Velhice:** aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed; 2000. WAJNMAN SO. **Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências.** In: CAMARANO AA. Os Novos idosos brasileiros: muito além dos 60. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO



APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) **Inserção do idoso no Mercado Informal de Trabalho na cidade de Picos-PI** desenvolvida(o) por **ALEKSANDRE NEIVA T. DA S. MOURA E DANYELTON DA ROCHA SILVA**.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é coordenada/orientada por **CLEVERSON VASCONCELOS DA NOBREGA**, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail **cleverso.nobrega@ufpi.edu.br**. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de descrever o tipo de abordagem por. ex: entrevista semi-estruturada / observação / aferição / exame / coleta / análise do meu prontuário / grupo, etc, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Picos-PI, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO



APÊNDICE B – Entrevista Semi-estruturada

DADOS DO/A ENTREVISTADO/A

- Gênero
- Sexo
- Idade
- Escolaridade

SER IDOSO

- 1- Qual a percepção que o sujeito tem da velhice? (positiva ou negativa) Ser idoso está vinculado à possibilidade de novas descobertas ou sinônimo de perdas?
- 2- Que impacto a idade tem em sua atividade laboral?

TRABALHO

- 3- O que representa o trabalho para o senhor(a)?
- 4- Há disposição ou não para o trabalho a partir desta faixa etária?
- 5- Necessidade financeira ou desejo de socialização?
- 6- Caso o senhor tivesse como se manter tranquilamente só com a aposentadoria, o senhor continuaria trabalhando?
- 7- O que representa a aposentadoria para o entrevistado? A aposentadoria está ligada a pausa para o descanso ou possibilidade de continuar trabalhando e incrementar a renda?

INFORMALIDADE

- 1- Há quanto tempo atua no mercado informal?
- 2- Como se deu sua inserção no mercado informal?
- 3- Como é atuar no segmento?
- 4- Quais as dificuldades encontradas pelo entrevistado para atuar no segmento?
- 5- Percepção de discriminação, falta de oportunidade para um trabalho formal etc.
- 6- O que o impede de trabalhar na formalidade?
- 7- O senhor(a) desejaria um outro tipo de trabalho?
- 8- O respondente menciona a preocupação com a falta de segurança social, impossibilidade de garantir uma aposentadoria mais digna?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, **Aleksandre Neiva Teixeira da Silva Moura e Danyelton da Rocha Silva**, autorizamos com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **INSERÇÃO DO IDOSO NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL NA CIDADE DE PICOS-PI** de nossa autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Janeiro de 20 18

Aleksandre Neiva Teixeira da Silva Moura
Assinatura

Danyelton da Rocha Silva
Assinatura